



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Ellen Germano Felix

**Fórmula 1 como instrumento de *sports diplomacy* e *sportswashing* no Oriente Médio:
uma análise construtivista do caso do Qatar**

JOÃO PESSOA - PB

2025

Ellen Germano Felix

Fórmula 1 como instrumento de *sports diplomacy* e *sportswashing* no Oriente Médio: uma análise construtivista do caso do Qatar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba

Orientadora: Professora Doutora Andreia Soares e Castro

JOÃO PESSOA - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F316f Felix, Ellen Germano.

Fórmula 1 como instrumento de sports diplomacy e sportswashing no Oriente Médio: uma análise construtivista do caso do Qatar / Ellen Germano Felix.
- João Pessoa, 2025.
92 f.

Orientação: Andreia Soares e Castro.
Coorientação: Xaman Korai Pinheiro Minillo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Fórmula 1. 2. Catar. 3. Sportswashing. 4. Sports diplomacy. 5. Construtivismo nas relações internacionais. 6. Esporte nas relações internacionais.
I. Castro, Andreia Soares e. II. Minillo, Xaman Korai Pinheiro. III. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

ELLEN GERMANO FELIX

**FÓRMULA 1 COMO INSTRUMENTO DE SPORTS DIPLOMACY E
SPORTSWASHING NO ORIENTE MÉDIO: UMA ANÁLISE CONSTRUTIVISTA
DO CASO DO QATAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 22 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Andraia Soares e Castro

Profa. Dra. Andraia Soares e Castro – (Orientadora)
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da
Universidade de Lisboa - ISCSP - ULisboa

Documento assinado digitalmente

gov.br

SILVIA GARCIA NOGUEIRA
Data: 23/04/2025 17:57:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sílvia Garcia Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Documento assinado digitalmente

gov.br

JOSE FRANCELINO GALDINO NETO
Data: 23/04/2025 17:07:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Francelino Galdino Neto
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer primeiramente a Deus, por permitir que tudo isso acontecesse na minha vida e por me guiar em cada caminho dela. Nos momentos mais difíceis e nos mais felizes senti os braços Dele me abraçarem. Agradeço por ter me proporcionado nascer, crescer e aprender numa família maravilhosa e abençoada. Aos meus pais, por me apoiarem e educarem com tanto amor; por me ensinarem a sonhar e agir para que os sonhos se tornem realidade. Mamis e papitito, palavras e atitudes jamais serão capazes de expressar minha gratidão e retribuir tudo que vocês fizeram e fazem por mim. Ao meu irmão, por ser a melhor pessoa com quem eu poderia ter crescido e compartilhado todos os momentos até aqui.

Aos meus avós, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos, palavras de sabedoria e conforto e momentos felizes e leves. A Frida, que é muito além que minha pug de suporte emocional, que me acompanha e alegra desde as aulas on-line, na pandemia, à rotina presencial de conciliar faculdade e trabalho. As minhas amigas do colégio, minhas Vagalumes, obrigada pelo apoio antes e durante a graduação. O cuidado e a força de vocês, mesmo a quilômetros de distância, me fizeram lembrar quem eu sou de fato e quem eu quero me tornar. As amigas da faculdade, meu muito obrigado pela parceria em provas, atividades e textos intermináveis, por serem meu ombro amigo para os dias difíceis e cansativos da graduação; agradeço também por todos os momentos felizes que compartilhamos, em cada intervalo de aulas e fora da universidade.

Aos meus professores — de toda a vida — serei eternamente grata por tudo que me ensinaram para o âmbito acadêmico e para além dele. Agradeço especialmente a minha orientadora, professora Andreia, por haver aceitado o convite de orientar uma brasileira que nunca encontrou pessoalmente, mas que tinha o sonho de abordar os esportes em seu TCC. A professora Xaman, minha co-orientadora, por me guiar e apoiar desde o período de estágio até a preparação deste trabalho. E aos professores que se disponibilizaram para formar a banca de defesa deste trabalho e participar do encerramento de mais um ciclo em minha vida.

Sem cada um de vocês, nada disso seria possível!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. CONSTRUTIVISMO E O ESPORTE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ENTRE SPORTS DIPLOMACY E SPORTSWASHING.....	14
1.1. CONSTRUTIVISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	14
1.2. SPORTS DIPLOMACY E O CONCEITO DE SPORTSWASHING.....	18
1.2.1. EXEMPLOS RECENTES NO ORIENTE MÉDIO.....	23
2. ENTRE CURVAS E INTERESSES: A FORMULA 1 NA ESTRATÉGIA DE SPORTS DIPLOMACY DO CATAR.....	26
2.1. SPORTS DIPLOMACY NO CATAR: HISTÓRICO E ESTRATÉGIAS.....	28
2.1.1 QATAR NATIONAL VISION 2030.....	28
2.1.2 QATAR SPORTS INVESTMENTS.....	32
2.2. O PAPEL DA FORMULA 1 NA PROJEÇÃO INTERNACIONAL DO CATAR.....	34
3. NARRATIVAS OFICIAIS DO CATAR, CRÍTICAS, IMPACTOS E CONTRADIÇÕES.....	38
3.1. DISCURSOS DO GOVERNO E DA FORMULA 1.....	38
3.1.1. A COBERTURA DA MÍDIA INTERNACIONAL.....	49
3.2.2. RELATÓRIOS DE ONGS SOBRE DIREITOS HUMANOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	55
3.3. SUCESSO DA ESTRATÉGIA DE SPORTS DIPLOMACY.....	61
3.4. DESAFIOS E LIMITAÇÕES DO SPORTSWASHING.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
APÊNDICE A - CONCEITOS TEÓRICOS UTILIZADOS.....	70
APÊNDICE B - TEXTOS E DOCUMENTOS UTILIZADOS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

RESUMO

O Catar, Estado autoritário do Oriente Médio, está nos holofotes internacionais desde o anúncio, em 2010, de que sediaria a Copa do Mundo de Futebol de 2022, visando diversificar sua atividade comercial e promover uma imagem moderna internacionalmente. Por isso, foi observado um crescente interesse deste País em outros esportes, como é o caso da *Formula 1*, que sediou pela primeira vez no Circuito de Losail em 2021. Este estudo visa compreender qual o papel desempenhado pela *Formula 1*, especificamente no Catar, para questões de política externa. Se sua atuação é utilizada pelo governo catari como forma de melhor inserção internacional, ou seja, *sports diplomacy*; se seria um caso de *sportswashing*, para que a opinião pública internacional acerca deles seja mudada; ou se enquadra-se em ambas as formas. A pergunta que orienta esta pesquisa é: Como o Catar utiliza a *Formula 1* como instrumento de *sports diplomacy* e *sportswashing* para moldar a sua identidade no sistema internacional? Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa e sob viés construtivista, utilizando o método de estudo de caso e a análise documental de discursos oficiais, reportagens e relatórios de organizações internacionais. A pesquisa busca analisar o esporte como instrumento de política externa e seu crescente uso pelos regimes autoritários do Oriente Médio, especificamente o Catar. Também se discutiram os conceitos de *sports diplomacy* e *sportswashing*, a fim de contrapor as definições e contribuir academicamente neste tema ainda pouco explorado. Além disso, foi analisado como esse Estado vem aumentando sua influência internacional na esfera esportiva, através do laço sociológico entre o esporte e o torcedor; e, por fim, serão analisados os investimentos realizados na *Formula 1*, por meio de patrocínios e realização de Grandes Prêmios no território nacional.

Palavras-chave: *Formula 1*, Catar, *sportswashing*, *sports diplomacy*, construtivismo nas Relações Internacionais, esportes nas Relações Internacionais.

ABSTRACT

Qatar, an authoritarian state in the Middle East, has been in the international spotlight since the announcement in 2010 that it would host the 2022 FIFA World Cup, aiming to diversify its commercial activity and promote a modern international image. As a result, a growing interest from the country in other sports has been observed, such as Formula 1, which it hosted for the first time at the Losail Circuit in 2021. This study aims to understand the role played by Formula 1, specifically in Qatar, in matters of foreign policy. Whether its presence is used by the qatari government as a way to improve its international insertion — that is, sports diplomacy; whether it is a case of sportswashing, to change international public opinion about the country; or whether it fits into both categories. The research question that guides this study is: How does Qatar use Formula 1 as an instrument of sports diplomacy and sportswashing to shape its identity in the international system? To answer this, a qualitative research was conducted with a constructivist approach, using the case study method and documentary analysis of official speeches, news reports, and reports from international organizations. The research seeks to analyze sport as a tool of foreign policy and its increasing use by authoritarian regimes in the Middle East, specifically Qatar. The concepts of sports diplomacy and sportswashing were also discussed, in order to contrast definitions and contribute academically to this still underexplored topic. Furthermore, the study analyzed how this state has been increasing its international influence in the sports sphere through the sociological bond between sport and fans; and finally, it examined the investments made in Formula 1 through sponsorships and the hosting of Grand Prix races in national territory.

Keywords: Formula 1, Qatar, sportswashing, sports diplomacy, constructivism in International Relations, sports in International Relations.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem sido observada a intensificação da relação entre os esportes e a política internacional, com um número crescente de eventos esportivos sendo empregados como instrumentos estratégicos pelos Estados, a fim de fortalecer sua imagem global. Nessa conjuntura, surge o conceito de *sports diplomacy*, que faz referência ao uso do esporte como ferramenta de relações internacionais (Murray, 2018). A prática é antiga e observada nos mais diversos tipos de regimes políticos, entretanto, chama atenção o seu uso por países do Oriente Médio com regimes autoritários, como é o caso do Catar (Borrero, 2017; Al-Dosari, 2021). Este Estado tem investido substancialmente na organização e patrocínio de competições esportivas internacionais, entre elas a *Formula 1* (F1), como parte de um esforço para remodelar sua identidade e influência no cenário global (Schiavinatto, 2023).

Entretanto, esse fenômeno não se restringe ao Catar, podendo ser observado em outros países do Golfo Pérsico — Bahrein, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos — a utilização dos esportes como instrumento de projeção internacional, para consolidar suas presenças no cenário global (Schiavinatto, 2023; Almeida et al., 2022). Essas monarquias petrolíferas possuem estruturas políticas em comum: são centralizadas e autoritárias, inexistindo processos eleitorais nos moldes ocidentais, ou seja, os governantes revezam o poder por meio de linhagens dinásticas. Como consequência, esses Estados são cotidianamente bombardeados pela mídia e opiniões ocidentais, principalmente no que tange aos direitos humanos.

Algumas instituições, como a Anistia Internacional e a *Human Rights Watch* (HRW), denunciam em seus relatórios crimes contra os direitos humanos, a exemplo de repressão a dissidentes políticos, violações aos direitos de trabalhadores migrantes e restrições à liberdade de expressão. Tais temas são sensíveis ao Catar, que recebeu notoriedade internacional principalmente devido às denúncias sobre as condições de trabalho dos operários envolvidos na construção da infraestrutura da Copa do Mundo de 2022. Em sua maioria, a narrativa retrata esses países como repressivos e que procuram a legitimação internacional por meio de algumas estratégias, como a realização de grandes eventos esportivos. Contudo, parte da literatura crítica alega que essa perspectiva se espelha também num imperialismo discursivo, no qual as potências ocidentais se valem da pauta dos direitos humanos para justificar ações políticas e preservar seu domínio em regiões estratégicas.

Um fenômeno que vem sendo observado nesse contexto é o de sportswashing, que retrata a tentativa dos Estados de melhorar sua reputação internacional por meio da organização de eventos esportivos e do patrocínio em modalidades esportivas, desviando, desse modo, o foco de questões controversas sobre sua postura interna (Fruh et al., 2023). A participação do Catar na *Formula 1*, através do Grande Prêmio e do patrocínio de competições e equipes, pode ser identificada como alinhada a essa lógica, evidenciando a utilização estratégica do automobilismo como meio de projeção internacional.

Diante desse cenário, esta investigação foi guiada pela pergunta de pesquisa: Como o Catar utiliza a *Formula 1* como instrumento de *sports diplomacy* e *sportswashing* para moldar a sua identidade no sistema internacional? O presente estudo, para analisar se/como o Catar utiliza a *Formula 1* para moldar a opinião internacional, utiliza a abordagem construtivista das Relações Internacionais. Para atingir este objetivo geral, alguns objetivos específicos foram desenvolvidos ao longo do trabalho:

1. Apresentar as narrativas promovidas pelo Catar no âmbito da *Formula 1*
2. Identificar críticas ao uso de eventos e discursos sobre a *Formula 1* pelo Catar, especialmente no que se refere aos direitos humanos
3. Refletir sobre limitações do uso da *Formula 1* como instrumento de *sports diplomacy* no contexto da política internacional

A solução desse problema de pesquisa é possibilitada com o emprego da teoria construtivista pelo fato de que esta destaca a importância das ideias, normas, identidades e discursos na construção da política internacional. Aplicar essa perspectiva aos propósitos da pesquisa possibilita explorar como o Catar emprega a *Formula 1* para construir e projetar uma imagem internacional estratégica, reforçando valores e princípios estratégicos para a sua política externa. Além disso, a corrente possibilita analisar como normas internacionais — como as relacionadas aos direitos humanos — afetam a percepção e a legitimidade da nação no cenário internacional. Isso pois permite refletir sobre quais são as normas internacionais que prescrevem modelos de conduta considerados adequados para Estados e por quais atores são promovidas. Dessa forma, com base neste marco teórico, será examinado como distintos atores interpretam a atuação do Catar na F1. Por fim, salientando que para o construtivismo a política internacional não é moldada apenas por elementos materiais, mas também pelas percepções e interações entre os atores, será possível a avaliação de se a estratégia do Catar

tem sido eficaz na transformação de sua imagem global ou se encontra obstáculos devido às normas vigentes.

O construtivismo faz parte da corrente pós-positivista das RIs. Essa abordagem se mostra a mais adequada ao tema pois permite compreender como identidades e narrativas são construídas e instrumentalizadas pelos Estados no cenário internacional. Diferentemente de visões positivistas, o construtivismo permite a análise dos processos de como os Estados formam e projetam sua identidade através de discursos, valores e percepções coletivas (Wendt, 1992; Finnemore & Sikkink, 1998). No caso do Catar, o emprego da *Formula 1* como instrumento de sports diplomacy e sportswashing ultrapassa estratégias materialistas de projeção de poder, se inserindo num processo mais amplo de construção de imagem e narrativas a nível internacional.

De acordo com Onuf (1989) e Wendt (1999), as interações entre os Estados e outros atores globais, tais como a mídia e as entidades de direitos humanos, são fundamentais para a construção de suas identidades. Haja vista que o reconhecimento externo possui um papel central na legitimação dessas práticas. Do mesmo modo, Peter Katzenstein (1996) defende que as identidades nacionais são produtos tanto de processos internos quanto da interação com normas e expectativas internacionais. Ou seja, os países modificam suas políticas e discursos para se alinhar ou contestar as normas internacionais; no caso do Catar, isso é visto na utilização do esporte como ferramenta de projeção global para moldar sua imagem e, simultaneamente, reagir às pressões externas que questionam sua governança e práticas internas.

Os estudos de Martha Finnemore e Kathryn Sikkink (1998), sobre normas internacionais, destacam como determinados valores e comportamentos são amplamente aceitos e incorporados pelos Estados. O conteúdo específico destes valores não é fixo ou imutável, e as autoras desenvolvem o conceito de “ciclo de vida das normas”, que esclarece como práticas inicialmente contestadas podem se estabelecer como padrões de conduta aceitos em escala internacional. Este conceito é essencial para entender o efeito das críticas internacionais ao Catar, especialmente em relação aos direitos humanos. Relatórios de entidades, como a *Human Rights Watch* (HRW) e a Anistia Internacional, têm denunciado as limitações à liberdade de expressão no país e as condições dos trabalhadores migrantes, provocando um conflito entre a identidade que o Catar busca projetar — de Estado

progressista, moderno e igualitário — e a maneira como de fato é visto no cenário internacional.

Por fim, Timothy Dunne (2024) ressalta a importância do construtivismo, demonstrando que os significados atribuídos a certos conceitos, tais como soberania e legitimidade, são construídos socialmente e constantemente renegociados. Para Dunne, os países aderem às normas internacionais ao mesmo tempo que têm um papel ativo na sua elaboração e interpretação. No caso do Catar, isso se manifesta na tentativa do país de reconfigurar sua imagem através da *sports diplomacy*, promovendo competições esportivas de alto nível, a fim de consolidar sua influência e contrariar as narrativas ocidentais que o relacionam a violações de direitos humanos.

Através desse referencial teórico, torna-se possível analisar tanto a construção discursiva promovida pelo Catar quanto as respostas internacionais que contestam tais estratégias. O construtivismo, ao enfatizar que a política internacional não é moldada apenas por elementos materiais, mas também pelas percepções, interações entre os atores e as narrativas que os Estados criam e projetam, fornece um arcabouço fundamental para entender a utilização da *Formula 1* como instrumento de *sports diplomacy* e *sportswashing*.

Será utilizada metodologia analítica qualitativa, com embasamento em Revisão de Literatura, e desenvolvimento de Análise de Narrativa para realizar um Estudo de Caso, a fim de compreender os interesses por trás do investimento do Catar na *Formula 1* e suas implicações no cenário internacional. A Revisão de Literatura (Pinto, 2023) será conduzida para identificar e examinar os principais debates acadêmicos acerca de *sports diplomacy*, *sportswashing* e a atuação do Catar no cenário esportivo mundial. Para tal, serão consultadas fontes acadêmicas como artigos científicos, livros e dissertações, privilegiando pesquisas que abordem a utilização do esporte como instrumento de política externa e construção de uma imagem internacional. O conteúdo de fontes primárias, tais como relatórios de organizações internacionais e documentos oficiais do governo Catari também serão analisados.

O estudo deve ser organizado na forma de um Estudo de Caso. Isso pois este desenho de pesquisa permite uma análise detalhada de um fenômeno específico em seu contexto (Yin, 2015). A análise do caso do Catar e sua inserção na *Formula 1* permite compreender como o país emprega o esporte como ferramenta de política externa e quais são as consequências e restrições dessa política. Para isso, serão investigados discursos políticos, documentos

oficiais publicados pelo governo do Catar, que serão considerados paralelamente a artigos de opinião e jornalísticos acerca do tema de pesquisa e relatórios de organizações internacionais, enfocando as narrativas do governo do Catar e as críticas de organizações e veículos de mídia ao Estado.

Adicionalmente, será empregada a Análise de Narrativa, vista como uma abordagem metodológica que investiga como indivíduos constroem e expressam sentidos por meio de histórias, focando nos sentidos e estruturas construídas nos relatos (Riessman, 2008). No âmbito desta pesquisa, essa técnica possibilitará investigar as narrativas propagadas pelo Catar acerca de seu envolvimento na *Formula 1*. Estas narrativas serão justapostas a críticas e contrapontos presentes em matérias jornalísticas, documentos de instituições de direitos humanos e declarações de atores internacionais. A análise se concentrará em reconhecer as narrativas empregadas para justificar ou contestar esse investimento. O propósito é compreender como o Estado molda discursivamente sua imagem no cenário internacional através do esporte e como essa estratégia é percebida em escala mundial.

Como técnica de pesquisa, será utilizado o raciocínio indutivo, tendo como base a análise empírica das narrativas e críticas acerca do envolvimento do Catar na *Formula 1*, de forma a desenvolver uma perspectiva mais abrangente dos impactos dessa estratégia no cenário internacional.

O trabalho está organizado em três capítulos, a contar além desta introdução e das conclusões. Nesta introdução foi apresentado o tema do estudo, contextualizando a crescente utilização dos esportes como instrumento de projeção internacional por governos autoritários, com ênfase no caso do Catar e sua participação na *Formula 1*. Também foram apresentados o problema de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a metodologia empregada e a estrutura do trabalho. No primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica, embasada na teoria construtivista das Relações Internacionais, destacando a importância das normas, ideias e identidades na política internacional. Os conceitos centrais de *sports diplomacy* e *sportswashing* são abordados, juntamente com exemplos recentes de sua implementação por Estados do Oriente Médio. O capítulo dois apresenta uma contextualização do Catar, discutindo sua trajetória de investimentos em esportes e as táticas empregadas na *sports diplomacy*, focalizando na utilização da *Formula 1* como ferramenta de construir uma imagem global. O capítulo três se concentra na análise das narrativas oficiais difundidas pelo governo do Catar e pela *Formula 1*, além das críticas e contra-narrativas desenvolvidas por

organizações internacionais e plataformas de comunicação ao redor do mundo. Examinam-se os impactos e contradições dessas táticas, analisando o sucesso e as restrições da intervenção do país através da *sports diplomacy* e do *sportswashing*. Finalmente, são apresentadas as conclusões do estudo, condensando os achados mais relevantes e debatendo as implicações dos resultados.

1. CONSTRUTIVISMO E O ESPORTE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ENTRE *SPORTS DIPLOMACY* E *SPORTSWASHING*

1.1 CONSTRUTIVISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A teoria construtivista é entendida como a perspectiva pós-positivista mais influente das Relações Internacionais e surgiu no final do século XX, período de grandes mudanças sociais, políticas, culturais, econômicas e tecnológicas (Heywood, 2014). Enfocando as questões que originaram o campo de estudo — cidadania, identidade e soberania —, essa vertente almeja compreender como os Estados interagem, o que fazem para se manter no Sistema Internacional e por que fazem isso — visto que, interesses são socialmente construídos (Wendt, 1999). O construtivismo realça a importância das normas, ideias e identidades nas interações e ações dos Estados, argumentando que a realidade internacional é, majoritariamente, socialmente construída (Wendt, 1992; Finnemore & Sikkink, 1998). Isso é um importante progresso em comparação com as duas teorias clássicas (Realismo e Liberalismo), que enfatizavam o poder material e as estruturas econômicas como fatores determinantes da política internacional.

As pessoas — e Estados — vivem na realidade que construíram, mediados por fatores ideacionais: crenças, valores, teorias e presunções (Heywood, 2014). As crenças são fortalecidas com a interação com outros membros e os valores são os que os conectam (Heywood, 2017). E são esses fatores que moldam a percepção que o agente tem de si próprio e do mundo, assim, não existe realidade, seja ela social ou política, dissociada do entendimento que o agente tem sobre ela (Onuf, 1989). Desta forma, são as crenças que criam “uma sensação de identidade e particularidade à comunidade ou pessoa” (Heywood, 2014, pág. 72).

O construtivismo ainda afirma que as normas e ideias presentes na consciência coletiva de um Estado estão correlacionadas à identidade nacional, o que também molda as políticas externas desse país — e os interesses que ele possui. Ou seja, os teóricos construtivistas dão relevância às identidades, ideias e crenças para a formação da política externa dos Estados. Assim, ações e percepções de um Estado são construídas através das normas e ideias predominantes, originando a sua identidade. As identidades e interesses, por sua vez, são criados à medida que as nações interagem entre si e intercambiam conhecimentos. Essas interações podem desenvolver identidades coletivas e até cooperação

internacional, o que, sob a perspectiva construtivista, desperta nos Estados o interesse de preservar a sua cultura (Wendt, 1992, 1999; Katzenstein, 1996; Onuf, 1989).

Esta visão teórica é crucial para examinar como as nações formam e projetam sua identidade no contexto mundial, empregando narrativas e símbolos para formar sua reputação internacional (Onuf, 1989). No caso do Catar, a *Formula 1* não é somente um evento esportivo, mas também uma ferramenta de *sports diplomacy* e *sportswashing*, fazendo parte de um processo extensível de construção de imagem e influência mundial (Murray; Pigman, 2014). O construtivismo surgiu historicamente como uma alternativa crítica às teorias convencionais das Relações Internacionais, particularmente após o término da Guerra Fria, quando se tornou claro que explicações fundamentadas apenas em elementos materiais não eram adequadas para entender as mudanças na ordem mundial (Viotti; Kauppi, 2013). Nicholas Onuf (1989) foi um dos pioneiros na formalização do construtivismo, introduzindo a noção de que "as palavras criam mundos", enfatizando a importância da linguagem e das regras na construção da política internacional.

Seguindo essa linha, Alexander Wendt (1992, 1999) defende que a anarquia do Sistema Internacional não possui um sentido intrínseco, sendo uma interpretação decorrente das interações entre os Estados. Segundo Wendt, a identidade dos países não é imutável, mas é formada e reformulada através das interações internacionais. No que diz respeito ao Catar, essa formação se dá através de sua participação no cenário esportivo mundial, apoiando eventos como a *Formula 1* para formar sua identidade como um participante moderno, progressista e relevante. Esta estratégia é um meio pelo qual o Estado procura ser reconhecido como um centro de esporte e turismo, empregando o esporte como um instrumento de visibilidade global.

Além disso, os construtivistas ressaltam a importância das normas e ideias na formação dos interesses e identidades dos países. Essas normas seriam os comportamentos esperados coletivamente de atores com determinada identidade; já as ideias são as concepções e crenças que os atores possuem sobre o mundo e sobre si mesmos. Elas englobam teorias, ideologias e valores que orientam a percepção e a atuação dos Estados, além de desempenharem um papel crucial na interpretação das normas e nas decisões políticas, sendo fundamentais para a construção de narrativas e discursos que justificam as ações governamentais (Wendt, 1992, 1999; Finnemore & Sikkink, 1998; Onuf, 1989).

Essa corrente teórica coincide com o tema, devido à importância “cultural e simbólica” dos esportes na sociedade, que se cria através das crenças de cada indivíduo e que são reforçadas quando há a troca coletiva de valores e ideias relacionadas ao esporte, à cultura e à competição (Pereira, 2023). Isso reafirma a análise de Murray (2018) de que o esporte vai além da política, pois une desconhecidos por meio da paixão universal pelo esporte. Em outras palavras, a relevância do esporte na política seria pelo apoio que se origina da paixão despertada pelas diferentes modalidades esportivas. Importante teórico da corrente, Nicholas Onuf (1989) infere que as regras — um tipo de normas — são necessárias para que se construa a realidade social, pois regulariam o comportamento dos atores e compõem suas identidades. Ele destaca, também, o papel das ideias na criação das normas, além de afirmar que a linguagem e o discurso desempenham um papel crucial e influente na construção e na configuração da realidade internacional.

A interação entre normas internacionais e identidades estatais também é fundamental para compreender a estratégia do Catar. Peter Katzenstein (1996) defende que as identidades nacionais são formadas por processos internos, bem como pela convivência com normas e anseios internacionais. Assim, as nações realizam alterações em suas políticas e discursos a fim de se adequarem ou questionarem os padrões internacionais. Isso se manifesta com o uso do esporte pelo Catar, que o utiliza como meio de projeção mundial tanto para formar sua imagem, quanto para reagir às pressões externas que questionam sua governança e práticas internas.

Um exemplo inequívoco de como as ideias podem moldar a política internacional são as normas de direitos humanos. Tanto a promoção quanto a proteção dos direitos humanos consolidaram-se como uma norma amplamente reconhecida no cenário internacional, influenciando de maneira significativa a política externa de diversos Estados. É por isso que diversas organizações internacionais desempenham um papel central na promoção dessas normas, o que tem levado a transformações no tratamento dispensado pelos Estados a seus cidadãos, bem como na dinâmica das interações entre os próprios Estados. Frequentemente, relatórios de organizações como a *Human Rights Watch* e a Anistia Internacional denunciam o país por práticas abusivas com trabalhadores estrangeiros, desrespeito à liberdade de expressão e a outros direitos fundamentais. Isso acaba criando um conflito entre a identidade que o Catar procura transmitir e a visão estrangeira sobre sua governança.

Martha Finnemore e Kathryn Sikkink (1998) proporcionam uma estrutura teórica crucial para entender a conexão entre as normas internacionais e a política externa dos países. As autoras criaram a ideia do “ciclo de vida das normas”, para explicar como certos valores e comportamentos podem surgir, serem assimilados e, por fim, se tornarem padrões mundiais. Isso é de grande relevância para o contexto do Catar, haja vista que auxilia na compreensão de como a pressão internacional sobre direitos humanos afeta suas estratégias para projeção de imagem. Ao investir massivamente em grandes eventos esportivos, o Catar não só objetiva reforçar sua posição no cenário mundial, como também visa responder às críticas internacionais e mostrar um compromisso, mesmo que apenas discursivo, com as normas internacionais de responsabilidade social e governança.

Outro ponto fundamental que o construtivismo traz é a importância do discurso e da linguagem na formação da realidade internacional. Timothy Dunne (2021) defende que noções como soberania, legitimidade e status global são construídas socialmente e constantemente renegociadas. No caso do Catar, a *sports diplomacy* tem sido um instrumento para questionar e reestruturar narrativas ocidentais que frequentemente o relacionam a práticas antidemocráticas e infrações aos direitos humanos. Ao acolher eventos como a *Formula 1*, a Copa do Mundo e outros torneios de grande magnitude, a nação procura melhorar sua reputação global e estabelecer uma imagem de potência no esporte. Os construtivistas argumentam, ainda, que o sistema internacional surge da interação entre indivíduos, que integram suas realidades políticas, culturais e históricas, sendo o sistema internacional entendido como “uma construção social, em vez de existir independentemente da ação humana” (Dunne, 2024). Dessa forma, as ideias seriam disseminadas nos mais diversos níveis, por isso que valores acerca de direitos humanos e democracia têm sido internacionalizados. Compreendendo isso, as nações são vistas tal qual os indivíduos: “entidades subjetivas, definidas por seus membros, a partir de um conjunto particular de tradições, valores e sentimentos” (Heywood, 2014, p. 73). Portanto, os valores de cada nação são variáveis dependentes.

Assim, a teoria possibilita examinar não somente a forma como o Catar estabelece e projeta sua identidade global, mas também como essa estratégia se relaciona com padrões mundiais, pressões externas e percepções coletivas. Além de proporcionar a estrutura analítica necessária para compreender se a *Formula 1* vem sendo utilizada como instrumento

de *sports diplomacy* e/ou de *sportswashing* pelo Estado do Catar. Os conceitos teóricos — e seus respectivos autores — utilizados neste trabalho estão detalhados no Apêndice A.

1.2 SPORTS DIPLOMACY E O CONCEITO DE SPORTSWASHING

Em meio a essa postura de tornar Doha uma referência cultural, midiática e esportiva — tanto no mundo árabe quanto fora dele — surgem os debates acerca do porquê o interesse nos esportes surgiu e por que vem sendo utilizado.

Tudo começou com a necessidade de projetar o país internacionalmente logo após a sua independência, a fim de se tornar relevante regionalmente e, a longo prazo, para o Ocidente (Côme, Raspaud; 2018). Os principais impulsionadores disso são a Fundação Catar, criada em 1995 e regida pela influente mãe do emir, Sheikha Moza bint Nasser; o fundo soberano do país — *Qatar Investment Authority* (QIA) — e uma de suas ramificações, a empresa subsidiária *Qatar Sports Investments* (QSI) (Steinberg, 2023; Søyland, 2020). A companhia aérea estatal, *Qatar Airways*, também é um braço forte no investimento esportivo, patrocinando diversas modalidades pelo globo (Al-Dosari, 2021). Na *Formula 1*, a *Qatar Airways* atualmente se configura como a maior patrocinadora da categoria (Formula 1, 2023). Além disso, tem-se a expansão gigantesca da infraestrutura esportiva do Estado do Catar, como a *Aspire Zone*, que é um complexo com instalações esportivas diversas, hotéis e centro comercial; e crescente interesse em investir em grandes eventos esportivos, que atraíram muita atenção ao país (Côme, Raspaud; 2018).

Com o nome do país ficando cada vez mais conhecido, as pessoas passaram a buscar saber a realidade vivida internamente. Foi quando se defrontaram com um pequeno país com fortes tradições islâmicas e imensamente rico, com grandes centros urbanos com tecnologias de ponta e arquitetura renomada (Søyland, 2020). O Catar estava tornando-se mais proeminente a cada dia e sendo palco das mais diversas modalidades esportivas, além de ocupar espaços internacionais antes impensados, como a mesa de negociações de conflitos entre seus vizinhos (Søyland, 2020). Isso se deve ao uso da ferramenta esportiva nas RIs, chamada de *sports diplomacy*, que faz parte da diplomacia pública, sendo o objeto de estudo do acadêmico de Relações Internacionais, Stuart Murray. O autor define que é de grande valia para os Estados soberanos atrelar a paixão das massas pelos esportes com a tarefa de modelar o conceito público internacional acerca deles (Murray, 2018; Castro, 2013).

A relação entre os esportes e a diplomacia ainda é pouco explorada na área de Relações Internacionais, entretanto, a prática é antiga e observada nos mais diversos tipos de regimes políticos (Murray, 2012). Porém, chama atenção o seu uso por países com regimes autoritários, principalmente nos séculos XX e XXI, como é o caso do Catar. Esses Estados são cotidianamente bombardeados pela mídia e opiniões ocidentais por não terem formas de governo eleitas democraticamente, que os criticam, principalmente, no que tange aos Direitos Humanos. Pela análise de trabalhos de Murray, depreende-se que o conceito de diplomacia evoluiu, agora com outros atores participando do jogo diplomático, como ONGs e empresas transnacionais (Murray, 2012; 2018).

É por isso que o Estado precisa desenvolver meios de conquistar e influenciar a opinião pública internacional, sendo assim, há o interesse em unir os sentimentos despertados pelo esporte com a imagem que se deseja passar do seu país. Murray (2018) define a *sports diplomacy* como o uso consciente e estratégico do esporte, por atores estatais ou não, para alcançar objetivos políticos e minimizar conflitos, podendo, muitas vezes, aproximar estranhos por meio de uma mensagem de unidade e paz, criando uma imagem favorável, que molda as percepções estrangeiras “de uma forma (mais) conducente aos objetivos do grupo remetente” (Murray, 2018, p. 3).

A *sports diplomacy* tem ocupado as lacunas deixadas pela diplomacia tradicional, haja visto que oferece maneiras inovadoras para que os Estados conquistem não apenas os outros Estados, mas o público em geral (Murray, 2012). Diferente da diplomacia convencional, regularmente compreendida como elitizada e “antiquada”, a *sports diplomacy* se apresenta como uma alternativa mais acessível (Murray, 2012). Além disso, se beneficia do enorme apelo internacional que os esportes possuem, sendo de grande valia para os governos se aliarem aos grandes esportistas, como Zidane, LeBron James, Lewis Hamilton e Roger Federer. Para Redeker (2008), isso tem a ver com o fato de que ninguém é contrário ao esporte, quando se trata disso existe até uma espécie de “miopia moral”.

O esporte é capaz de unir nações e culturas muito distintas, o que é de extrema importância na era da informação, por ser uma plataforma muito eficaz para atrair a atenção das pessoas, promover sua mensagem nacional e ser altamente rentável. Os valores representados nas práticas esportivas se assemelham à diplomacia — lealdade, paciência, verdade e precisão —, assim, igualmente pode ser utilizado para criar relações entre as

divisões culturais e étnicas, promovendo um ambiente respeitoso e compreensivo, através desses valores (Murray, 2012).

Além disso, Andreia Soares e Castro defende que a *sports diplomacy* é “o uso do desporto como instrumento de promoção de objetivos e interesses de política externa” (Castro, 2013, p. 198). Sendo utilizada, também, para transpor as diferenças socioculturais através da paixão universal pelo esporte (Özsari, 2018). Os atletas exercem, portanto, papel de diplomatas além de esportistas, é por isso que cada vez mais têm sido cobradas as consciências política e social destes, pois representam seus países na esfera internacional esportiva. Ademais, Stuart e Pigman (2014) enfatizam que os protocolos e atividades diplomáticas requeridas para sediar eventos esportivos internacionais, e que são seguidos pelos órgãos esportivos internacionais, exigem as mesmas competências e sensibilidades presentes nos representantes diplomáticos estatais e não estatais, sendo imprescindível que os líderes dessas entidades apresentem essa desenvoltura, para serem reconhecidamente diplomáticos eficazes.

Outro ponto relevante, trazido por Stuart (2018), é que mesmo que existam muitos exemplos de esportes aproximando culturas e países, também há muitos outros que foram utilizados apenas para servir ao interesse nacional, pois “o esporte existe para servir à política e não o contrário” (Murray, 2018, p. 207). Pigman e Murray (2014) pontuam, ainda, que existem duas categorias distintas na diplomacia esportiva. Na primeira, o esporte internacional serve como um canal para comunicação, negociação e representação diplomática com atores não estatais, por conta de alguma competição esportiva que esteja sendo realizada, o que se chama de “esporte internacional como diplomacia”. Essa divisão é menos compreendida, pois engloba as atividades diplomáticas necessárias para que competições esportivas internacionais sejam possíveis — diplomacia especializada no esporte internacional — e os impactos dos esportes de nível global na diplomacia (Murray, Pigman, 2014).

Já no segundo — e mais conhecido — há o uso consciente do esporte internacional pelos governos, como instrumento de diplomacia. Nele, a diplomacia é vista como o “diálogo entre Estados”, assim, eventos esportivos são utilizados pelos governos para amenizar tensões em relações diplomáticas fragilizadas e/ou para testar a viabilidade de mudanças políticas e os esportistas são meios de amplificar mensagens diplomáticas (Murray, Pigman, 2014).

Nesse meio entra o sportswashing, que advém da metáfora do whitewashing (enxergar positivamente indivíduos/coisas que tenham alguma característica condenável/ilícita), especialmente em casos de racismo, e greenwashing (ação que cria qualidades ambientais para que determinados produtos sejam consumidos com visão pró-ambientalista) (Fruh et al., 2022; Pereira, 2023).

Esse conceito refere-se ao uso dos esportes, por regimes autoritários, como forma de melhorar — ou encobrir — sua reputação desgastada internacionalmente (Lenskyj, 2020). Na maioria das vezes, a comunidade internacional rechaça esses Estados pelos crimes cometidos principalmente contra os direitos humanos. A prática acontece há muitos anos, em distintos países, culturas e realidades (GE, 2020). Na Europa, foi utilizada pela Itália, quando foi a sede da Copa do Mundo, em 1934, quando estava sob o domínio de Mussolini; foi usada, também, na Berlim de 36, comandada por Hitler e pelo partido nazista, e que sediou os Jogos Olímpicos (GE, 2020). O *sportswashing* também foi amplamente explorado na América Latina, nas décadas de 60 e 70, sob o jugo dos regimes militares, com a Argentina sendo um dos principais exemplos, após sediar a Copa de 1978 (GE, 2020).

Ser palco de grandes eventos esportivos, como Olimpíadas, Copa do Mundo e Grande Prêmios de *Formula 1*, é excelente para mostrar ao mundo as vivências de um Estado e sua infraestrutura, além de impulsionar o setor turístico e atrair investimentos estrangeiros. Em contrapartida, esses megaeventos também podem funcionar como cortina de fumaça para mascarar críticas internacionais ao país, reprimindo-as. Isso ocorre porque esses espaços são tratados como “apolíticos”, assim sendo uma boa estratégia para regimes não democráticos, pois o debate político poderá ser nulo (Lenskyj, 2020; Jiménez-Martínez & Skey, 2018).

O investimento massivo na Formula 1, através da *Qatar Airways*, e a vinda do Grande Prêmio para o território Catari contribuíram para aumentar a visibilidade do país internacionalmente e, conseqüentemente, o interesse internacional. A categoria já possui histórico de críticas por realizar provas em locais controversos, como em 1985, que a África do Sul foi sede de um Grand Prix, no auge dos boicote e pressão internacionais — incluindo duas equipes que não participaram dessa etapa do campeonato. Em meio às críticas, a organização afirma que, atualmente, uma das exigências para a realização de provas é o respeito aos direitos humanos (The Guardian, 2020).

A ideia por trás dessa prática é que, ao se associar a eventos esportivos, equipes e atletas de grande visibilidade, as críticas sejam desviadas do Estado, criando uma imagem de “respeito”, “modernidade” ou “progressismo” (Fruh et al., 2022). Dessa forma, as práticas esportivas se tornam uma ferramenta de propaganda governamental, devido sua popularidade e apelo global (Fruh et al., 2022). O sportswasher — ator do sportswashing — é duramente criticado, pois apresenta uma preocupação excessiva em ocultar as ações negativas, em vez de implementar reformas para solucionar o que as desperta (Fruh et al., 2022). Normalmente, essa prática envolve três elementos: uma (ou mais) violações morais que vieram à tona, um Estado é o agente e o esporte é a ferramenta utilizada para dissipar os males criados na reputação do país, decorrentes das violações (Fruh et al., 2022).

Independente da forma que o esporte seja utilizado, o objetivo será disseminar uma imagem positiva do país e do governo envolvido. Entretanto, quando essa imagem não condiz com a realidade social, nada mais é do que a prática do sportswashing. Sediar megaeventos, patrocinar categorias esportivas ou conseguir direitos de transmissões esportivas são estratégias para desfocar a audiência internacional, mas também são formas de minimizar os crimes contra os direitos humanos e até normalizá-los (Søyland, 2020; Brannagan & Giulianotti, 2018; Fruh et al., 2022). Por esse motivo, a prática do sportswashing, mascarada de sports diplomacy, é mais comum no Catar — e demais países autocráticos —, reafirmando a tese de Murray de que os esportes, por sua natureza passional, são muito úteis para mudar a visão pública internacional (Murray, 2018).

A normalização pode ocorrer de duas formas distintas: os esportes criam e fortalecem comunidades, já que envolvem a interação entre pessoas (Fruh et al., 2022). Por despertarem emoções coletivas e gerarem um senso de pertencimento, acabam sendo um ótimo elemento a ser utilizado por líderes políticos para consolidar narrativas favoráveis ao Estado e reforçar sua influência na sociedade. A segunda forma está relacionada à associação entre o Estado e as emoções positivas geradas por clubes e competições esportivas, que contribuem para a construção de identidades coletivas (Fruh et al., 2022, p. 4). O que cria o chamado “efeito halo”, no qual as emoções positivas, que são despertadas nos torcedores por clubes ou eventos esportivos, alcançam a imagem do Estado, o que influencia a percepção que se tem sobre ele com base na paixão pelo esporte (Archer & Matheson, 2021).

Cabe salientar que a prática do sportswashing vem ganhando novas roupagens, já que antes era necessário sediar grandes eventos para que os Estados ganhassem sucesso e

mostrassem seu poderio (Filomena, 2023). Porém, com o desenvolvimento da globalização também na indústria esportiva, é possível se beneficiar do sportswashing de maneira constante, independente da duração entre os eventos (Filomena, 2023). Isso pode ser expresso, por exemplo, por meio do investimento em categorias esportivas, com patrocínios. São muitos os exemplos de empresas estatais que patrocinam competições diversas, como a *Qatar Airways*, que aparece na maioria das etapas do campeonato mundial de Formula 1, sendo atualmente a maior custeadora da categoria. A *Visit Qatar*, que também patrocina os eventos ligados aos Grande Prêmios no país; empresas essas que ou possuem membros do alto escalão do governo do Catar ou membros da própria família real do país (Filomena, 2023).

Também é mister salientar que a estratégia do uso do sportswashing pode ser um tiro no pé no Estado que visa melhorar sua imagem. Haja visto que um efeito colateral não planejado da sportswashing é o aumento na observação da política interna do Estado, que decorre como consequência do crescente foco e atenção sobre o país (Filomena, 2023). Essa vigilância adicional pode trazer à tona questões sensíveis e expor vulnerabilidades. A exemplo das polêmicas sobre o Catar — após ser anunciado como sede da Copa do Mundo de 2022 e de Grandes Prêmios de *Formula 1* —, como o desrespeito a direitos trabalhistas, direitos humanos (da população LGBT e feminina) e até corrupção. Essas polêmicas frequentemente ganham destaque nas notícias antes do início dos eventos, mas, assim que a competição tem início, desaparecem repentinamente, à medida que a atenção se volta para o desempenho esportivo de alto nível. Esse fenômeno evidencia o impacto dos megaeventos esportivos, demonstrando que têm a capacidade de dominar a cobertura midiática, moldando a agenda de notícias por si mesmos (Lenskyj, 2020; Søyland, 2020).

1.2.1. EXEMPLOS RECENTES NO ORIENTE MÉDIO

São inúmeros os casos do uso dos esportes como ferramenta de sports diplomacy — ou sportswashing, a depender da observação — em países do Oriente Médio. Nos últimos anos, os números vêm crescendo, devido ao investimento significativo para atrair investimentos, fortalecer sua imagem global e/ou mitigar críticas existentes ao histórico de direitos humanos.

Os Emirados Árabes Unidos têm adotado os esportes como um instrumento diplomático e de rebranding internacional, tendo sua influência muito conhecida no futebol

européu. Principalmente através da posse do Manchester City pelo City Football Group, sob o controle do Sheikh Mansour bin Zayed Al Nahyan (UOL Esporte, 2023). Os Emirados, além do futebol, também organizam eventos de outras modalidades esportivas, tais como MMA e esportes a motor, sediando, inclusive, a etapa final do campeonato mundial de *Formula 1*, em Abu Dhabi, como forma de se consolidar como polo esportivo mundial (Euronews, 2023). Além disso, Dubai se estabeleceu como um ponto de encontro para competições de golfe, tênis e UFC (Euronews, 2023). Em meio a isso e ao desejo de veicular uma imagem de modernidade e prosperidade para o país, questões como a repressão à divergência política, limitações à liberdade de expressão e às questões laborais, semelhantes às observadas no Catar, são frequentemente debatidas por entidades de direitos humanos (Human Rights Watch, 2022; Amnesty International, 2023).

Embora menos mencionado que seus vizinhos, o Bahrein também tem investido nos esportes, por meio de patrocínios e sediação de eventos. A parceria entre o governo bareinita e o clube espanhol Córdoba CF, anunciada em fevereiro de 2025, é um exemplo recente dessa estratégia. Como parte do acordo, o estádio do Córdoba recebeu o nome de “Estádio Bahrain Victorious Nuevo Arcángel de Córdoba”, o que consolida a presença do país no cenário do futebol europeu. Esse patrocínio faz parte de uma estratégia mais abrangente, que visa relacionar o Bahrein à imagem de times, de forma a promover uma narrativa de modernidade e progresso internacional (AS, 2025). O país também recebe uma etapa do calendário da *Formula 1*, sendo o primeiro país do Oriente Médio a integrá-lo, veiculando o grande evento como um símbolo de progresso e modernização. Entretanto, algumas organizações de direitos humanos (HRW e Anistia Internacional) condenam a utilização da corrida como um meio de ocultar a repressão governamental e desviar a atenção das infrações aos direitos fundamentais.

Muitas dessas críticas decorrem das severas reprimendas que foram executadas aos participantes das manifestações da Primavera Árabe, trazendo questionamentos sobre a eficácia do evento (The Guardian, 2020). O governo bareinita, sob forte controle da família real, tem usado o esporte para desviar a atenção das críticas internacionais e legitimar seu regime. Um grande exemplo disso é o apoio do fundo soberano do Bahrain — Tambay — à equipe inglesa de *Formula 1*, McLaren (The Guardian, 2022). Adicionalmente, o Bahrein tem se esforçado para expandir sua influência no esporte através da colaboração com outras nações da região. Por exemplo, em agosto de 2024, a nação firmou um pacto com a Arábia

Saudita para intensificar as colaborações no campo esportivo, incluindo modalidades como esportes paralímpicos, femininos e comunitários (Arab Times Online, 2024).

Parceiro do Bahrein, a Arábia Saudita vem adotando uma estratégia muito parecida. Um caso emblemático é a compra do Newcastle United pelo Saudi Public Investment Fund em 2021, que também foi alvo de duras críticas, sendo acusado de prática de sportswashing para desviar a atenção das violações de direitos humanos no país (The Guardian, 2021). Ademais, o país tem atraído eventos esportivos de renome mundial, também sediando um Grand Prix de *Formula 1*, em Jeddah, e competições de golfe patrocinadas pelo LIV Golf, a fim de se estabelecer como um polo esportivo mundial (BBC Sport, 2023). Essas ações integram o plano Visão 2030, que objetiva diminuir a dependência do petróleo e converter a Arábia Saudita em um centro de entretenimento e turismo. Sendo amplamente criticadas por conta do extenso histórico de violações de direitos humanos na Arábia Saudita, que inclui a perseguição a dissidentes e o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi (Human Rights Watch, 2023).

Outra adição ao portfólio de eventos esportivos da Arábia Saudita será a Copa do Mundo de 2034. Em dezembro de 2024, o país foi anunciado como anfitrião e desencadeou uma nova série de críticas e acusações de cometer sportswashing (El País, 2024).

O Catar tem se destacado como um dos principais atores neste cenário, tendo sido o primeiro país árabe a sediar uma Copa do Mundo, em 2022, o que também fez com que sua política esportiva fosse extensivamente debatida. A organização do evento foi uma representação do esforço do governo do Catar de reforçar sua posição como um ator relevante no cenário internacional, exibindo uma imagem progressista. Contudo, a competição também suscitou críticas severas às limitações aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, aos direitos de liberdade de expressão e às condições de trabalho dos migrantes que contribuíram para a construção dos estádios e da infraestrutura (Anistia Internacional, 2022). Outro destaque é o fundo soberano do Catar, por meio de sua subsidiária *Qatar Sports Investments*, que emprega diversas estratégias para melhorar a imagem global do país por meio dos investimentos esportivos. Sendo conhecido, principalmente, pela aquisição do Paris Saint-Germain (PSG).

2. ENTRE CURVAS E INTERESSES: A FORMULA 1 NA ESTRATÉGIA DE SPORTS DIPLOMACY DO CATAR

O Catar é um Estado autoritário do Oriente Médio, vizinho de países poderosos, como a Arábia Saudita, sendo conhecido como um dos maiores produtores de hidrocarbonetos a nível mundial (Almeida; Pereira, 2022). Governado por uma monarquia absolutista, o poder concentra-se na família Al-Thani desde o início do século XIX (Steinberg, 2023). Sheikh Hamad bin Khalifa al Thani, pai do atual governante, é o responsável por içar o País aos olhos globais, quando iniciou o investimento massivo em categorias esportivas, principalmente futebol, ainda na década de 90 (Steinberg, 2023). Sheikh Hamad fundou, em 1995, a Fundação Catar, para fins de promoção da educação, ciência e desenvolvimento. Ele objetivava converter os esportes num eixo prioritário do desenvolvimento socioeconômico da nação, e, isso geraria dois objetivos: incentivar a prática esportiva nos Catarianos e, substancialmente, afirmar o local do Catar no campo internacional, por meio da organização de grandes eventos esportivos (Steinberg, 2023).

O Catar diversificou sua economia através do fundo soberano *Qatar Investment Authority* (QIA), criado em 2005, e espalhou os seus petrodólares por todo o globo, tendo um rápido reconhecimento internacional após pouco tempo de sua independência e se permitindo ficar seguro quanto aos seus parceiros internacionais (Barthe apud Côme; Raspaud, 2018). Muito desse reconhecimento descende do uso do esporte. Tamim bin Hamad al-Thani, emir vigente e filho de Hamad, segue os passos do progenitor, em busca de maior diversificação econômica e investimento na infraestrutura nacional (Steinberg, 2023). É por isso que o Catar ganhou os holofotes internacionais, principalmente em 2010, quando foi anunciado que sediaria a Copa do Mundo da FIFA, de 2022 (Pereira, 2023).

Amnah Mosly (2022) apresenta em seu artigo que, além desse interesse econômico, nos países do Golfo — como o Catar — os esportes fazem parte de um contexto sociopolítico mais amplo, abrangendo debates de juventude e gênero, operando na influência de laços sociais, políticos e diplomáticos. A promoção esportiva tem desenvolvido os atletas locais, incluindo as ligas juvenis e a participação feminina, estreitando laços sociais, além de criar oportunidades de emprego e incentivar hábitos saudáveis. Assim, segundo Zafar e Medien (2021), o setor esportivo tem sido um veículo eficaz para construir a coesão social, pois engloba fatores que a constroem, como a melhora na saúde física e mental. Estes fatores desencadeiam relações sociais mais fortes e aumento da autoestima. Ademais, o esporte está

promovendo maior aceitação social e religiosa da cultura muçulmana no cenário internacional.

Por ter economia amplamente baseada no petróleo e seus derivados, haja visto que possui grandes reservas de recursos naturais, o Catar dispõe de imensa riqueza. De pequena dimensão geográfica e localizado no Golfo Pérsico, região tensa do globo, o Catar tem se lançado como mediador de conflitos entre os países que fazem parte do seu entorno, o que também projetou uma imagem positiva. Um de seus vizinhos mais emblemáticos é a Arábia Saudita, que o embargou diplomática e economicamente entre os anos de 2017-2021; foi neste período que o território de maioria muçulmana estreitou suas relações de segurança com os Estados Unidos e fortaleceu os laços com Ásia e Europa, em grande parte através do investimento esportivo (Pereira, 2023; Almeida; Pereira, 2022).

O esporte no Catar tem sido utilizado não apenas para fins sociais e econômicos, mas também para persuadir nos campos da política, diplomacia e relações externas. Diversos ministros e membros da família governante fazem parte dessa vanguarda em ampliar a influência esportiva na região do Golfo e internacionalmente (Mosly, 2022). É por isso que o país lançou seu primeiro *National Development Strategy* ainda em 2011, com duração até 2016, e onde se deu o pontapé inicial da relevância que daria aos seus investimentos esportivos (Qatar, 2011). O primeiro NDS visava tanto o aumento dos esportes no cotidiano dos cataris, preservando os valores islâmicos, quanto melhorar as relações internacionais do país. Com as bases lançadas e já após o fim do embargo imposto pelos sauditas, o segundo, projetado para o período de 2018-2022, incluía um capítulo sobre excelência nos esportes e enriquecimento da cultura através do investimento em ambos (Qatar, 2011).

No capítulo referente à *Cultural Enrichment and Sports Excellence Strategy* é observado que o objetivo central segue o mesmo, porém com a adição de outros, como a criação de atletas de alta performance capazes de melhorar o corpo atlético do país, tornar o esporte e a cultura pilares sustentáveis para os rendimentos nacionais e, principalmente, promover uma imagem civilizada do Catar para o ambiente internacional, por meio de relações de cooperação com outros Estados. O capítulo também dispõe dos desafios para a evolução dessa estratégia, que puderam ser vistos desde o anúncio da sede da Copa do Mundo, que deixou o país famoso a todos os olhos, mas também com todos estes apontados para suas atividades internas — e controversas (Qatar, 2011).

2.1. SPORTS DIPLOMACY NO CATAR: HISTÓRICO E ESTRATÉGIAS

Amara (2005) forneceu o primeiro trabalho acadêmico sobre a estratégia do Catar para se tornar um centro reconhecido de eventos esportivos internacionais. O pontapé da sua análise é a sediação dos Jogos Asiáticos de 2006 em Doha, argumentando que a sociedade do País é baseada num contrato social onde os cidadãos abrem mão de seus direitos para receberem, do Estado, estabilidade socioeconômica. O que tem sido alcançado por meio dos recursos advindos dos combustíveis fósseis, entretanto, para diminuir essa dependência, houve essa propensão em hospedar eventos esportivos no território. Ainda, Amara enxerga que é uma oportunidade do país se autoafirmar liberal e aberto, sendo uma tentativa de pôr fim ao estereótipo dos árabes como “atrasados, preguiçosos e irresponsáveis” (Amara, 2005).

O investimento catari no esporte é justificado com o projeto *Qatar National Vision 2030* (2008), no qual almeja, em outras palavras, desenvolver a saúde e o espírito esportivo de seus cidadãos e expandir a atividade econômica do Reino, que é fragilizada por depender, em grande medida, da exploração e venda de petróleo e gás (Qatar National Vision 2030, 2008). O investimento esportivo também é enfoque da iniciativa Doha GOALS, que visa despertar o interesse dos jovens para melhorias sociais que envolvam a prática esportiva (Foreign Policy - Ministry of Foreign Affairs, 2022; Doha Goals, 2024).

2.1.1 QATAR NATIONAL VISION 2030

Com grandes reservas petrolíferas e receitas advindas desse setor, o Catar se tornou um dos países mais ricos do mundo. Isso por ser um pequeno país — com pouco mais de 11.600 km quadrados — e população estimada em 2,8 milhões, dos quais mais de 2,3 milhões são estrangeiros. Desta forma, o país é responsável pelo maior estado de bem-estar social do Oriente Médio, haja visto que apenas cidadãos do Catar podem gozar dos benefícios dele (Almeida; Pereira, 2022).

O Catar visa diversificar sua economia com investimentos em múltiplos setores, sendo um deles os esportes, uma das prioridades do governo (Governo do Catar, 2024). É por isso que foi um dos primeiros países do mundo a instituir o Dia Nacional do Esporte, no ano de 2012 (Souza, 2024). O feriado, realizado na segunda terça-feira do mês de fevereiro, no qual os valores esportivos são incorporados à cultura do Catar e há o incentivo à população a participar dos esportes e “promove valores saudáveis que transcendem cultura e idioma”. Ademais, o esporte aparece como tópico-chave no site oficial do *International Media Office*,

refletindo a estratégia Catari em alavancar os esportes para demonstrar suas capacidades, aprimorar sua imagem global e promover relações diplomáticas (Go-Globe, 2023). Com a continuidade da realização de grandes eventos esportivos, a nação avança significativamente para atingir sua meta de se estabelecer como uma potência esportiva global.

Através da diversificação da economia, o Catar consegue receitas oriundas de novos setores e se protege das flutuações no mercado petrolífero (Catar General Secretariat For Development Planning, 2011, pág. 6). Para isso, o governo lançou o *Qatar National Vision 2030* (QNV 2030), que é um plano estratégico de longo prazo que visa tornar o Catar um país avançado até 2030, com economia diversificada capaz de proporcionar alto padrão de vida para todos os seus cidadãos e sustentar o seu próprio desenvolvimento para as próximas gerações (Qatar National Vision 2030, 2008). A estratégia conta com 5 desafios a serem alcançados: crescimento econômico alinhado à preservação ambiental e desenvolvimento social; crescimento gerenciado e expansão descontrolada; necessidades das gerações atual e futuras; modernização com preservação das tradições e controle da qualidade e volume da força de trabalho expatriada (Qatar National Vision 2030, 2008).

Esses desafios devem ser alcançados sem interferir no atual padrão de vida da população, em sua cultura e tradições, mas entendendo que a diversificação econômica e a modernização do país são necessárias para manter o padrão de vida do país. Além disso, o plano estratégico é embasado em 4 pilares de desenvolvimento: humano, ambiental, social e econômico (Qatar National Vision 2030, 2008). A questão esportiva aparece como um dos resultados do desenvolvimento humano, com uma população educada e participativa em uma ampla variedade de atividades culturais e esportivas.

Investir no setor esportivo é fundamental para que o país alcance seus interesses, haja visto que faz parte dos 14 setores-chave presentes no QNV 2030. Para destrinchar os esforços necessários e colocá-los em prática, foi criada a sua primeira *National Development Strategy* (NDS-1), em 2011. De acordo com a *National Development Strategy 1*, o Catar enxerga os esportes como uma ferramenta importante para alcançar seus objetivos tanto no âmbito nacional quanto internacional (Catar General Secretariat For Development Planning, 2011). O esporte, no âmbito nacional, desempenha o importante papel de reunir as pessoas, promovendo uma maior coesão social. Uma população mais engajada na prática de atividades esportivas resulta em uma sociedade mais saudável — tanto fisicamente quanto mentalmente — trazendo benefícios para o coletivo, como o aumento da produtividade no trabalho e a

redução das despesas relacionadas à saúde. No nível comunitário, fortalece os laços sociais e familiares, enquanto que no nível individual melhora a confiança, à medida que desenvolve habilidades e bem-estar físico e mental. Esses benefícios contribuem para a saúde nacional, diminuindo gastos médicos e promovendo maior produtividade. Já os benefícios internacionais seriam desenvolver atletas nacionais renomados, gerando orgulho nacional, mas também elevando o status do país a nível regional e global. Além disso, é uma ótima maneira de desenvolver novas relações com outras nações (Qatar General Secretariat For Development Planning, 2011; Qatar Olympic Committee, 2011).

Ademais, o Comitê Olímpico do Catar afirma que, com a disponibilização de instalações e serviços esportivos de alto padrão, incluindo espaços para lazer ao ar livre, o Catar se torna um destino atrativo para residir, trabalhar e visitar. No cenário internacional, o Catar enxerga os esportes como uma maneira de fortalecer seu orgulho nacional e aumentar seu prestígio, com atletas nacionais de alto nível conquistando vitórias em competições e através da organização de eventos globais, o que eleva suas posições regional e global. Somado a isso, o esporte é visto como uma ferramenta de diplomacia, usada para estreitar laços com outras nações, impulsionar o comércio, atrair investimentos e turistas (Qatar Olympic Committee, 2011).

O Catar não compreende o esporte apenas como um símbolo de identidade cultural, mas também como um meio de estabelecer novas parcerias internacionais e melhorar sua imagem global. O Estado Catari tem a oportunidade de apresentar seu país ao mundo ao sediar grandes eventos esportivos que atraem milhões de telespectadores, com a possibilidade de romper estereótipos sobre a região e, finalmente, fortalecer sua posição no cenário internacional. Dessa forma, o país utiliza o esporte como um aparato da diplomacia pública, gerando, de forma estratégica, uma imagem positiva para os públicos estrangeiros ao enfatizar os valores compartilhados do esporte (Qatar Olympic Committee, 2011).

O Catar delineou seis principais áreas de atuação em sua estratégia para o setor esportivo, são elas: a formação de atletas; educação e conscientização esportiva; sediar eventos internacionais; desenvolvimento de instalações esportivas e de lazer; promoção e marketing e gestão esportiva. A promoção e o marketing têm um papel essencial, pois enfatizam em patrocínios e na divulgação do país como um destino esportivo e destacam oportunidades de carreira na gestão esportiva. A educação esportiva busca melhorar a saúde pública, expandir a inclusão de mulheres e atletas com necessidades especiais e consolidar a

cultura esportiva nas escolas. A gestão esportiva se concentra no desenvolvimento de recursos humanos, além de dar suporte — inclusive financeiro — a clubes, comitês e federações (Qatar Olympic Committee, 2011).

A área de formação de atletas inclui tanto a criação de novas ligas nacionais quanto o incentivo a talentos locais e a assistência a atletas aposentados. Já a ênfase nas instalações esportivas busca criar novos espaços esportivos, bem como melhorar as instalações existentes, assegurando maior acesso e utilização pela população. Finalmente, a organização de eventos internacionais abrange a realização de torneios mundiais, de modalidades coletivas e individuais, oferecendo suporte a comitês responsáveis pelas candidaturas e implementando estratégias para a gestão de eventos (Qatar Olympic Committee, 2011).

O segundo *National Development Strategy* (NDS-2) foi idealizado para os anos de 2018 a 2022 e aprofunda a relevância que o país dá aos esportes, com um novo capítulo — que faz parte da Parte 4: Desenvolvimento Social Sólido. Intitulado de Enriquecimento Cultural e Excelência Esportiva, ele lista os resultados alcançados no NDS-1, além de elencar os novos desafios para alcançar os objetivos traçados para o novo período (Qatar National Planning Council, 2018). Entre os resultados obtidos estão: “maior participação da comunidade nos esportes e atividades físicas, melhoria no planejamento integrado para instalações esportivas comunitárias e avanço do esporte rumo à excelência”. O País listou que, no que diz respeito ao investimento e às instalações esportivas, houve muitas conquistas, o que inseriu o Catar na rota de muitos eventos esportivos internacionais, além disso, tendo participado em 57 eventos internacionais (Qatar National Planning Council, 2018).

Em relação à cobertura de eventos esportivos, também houve considerável desenvolvimento, sendo a beIN Sports a principal e mais ativa, se tornando uma das redes líderes mundiais e cobrindo competições e eventos a níveis locais, regionais e internacionais. O documento também enumera que, pelo fato de os jovens serem uma parte considerável do círculo social, o setor esportivo é o foco do governo, que busca avançar na saúde e educação, promover a cultura e incentivar as práticas esportivas (Qatar National Planning Council, 2018). Os interesses do Estado catari ficam explícitos na citação presente no documento “*Qatar Second National Development Strategy 2018~2022*”:

Continuaremos a apostar na economia nacional, no desenvolvimento de serviços, na construção de equipamentos públicos e na promoção do setor juvenil e esportivo. Cuidaremos também dos nossos investimentos para as gerações futuras e diversificaremos as fontes de renda do país.

HH Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, em sua fala de abertura da 42ª sessão do Conselho de Shura, em 5 de novembro de 2013. Tradução livre.

Além disso, são abordados alguns dos resultados intermediários que se espera com a NDS-2, a exemplo do 4, intitulado Cooperação e comunicação regional e internacional, refletindo a imagem civilizada do País. Que aborda que, com a cooperação entre o setor de Enriquecimento Cultural e Excelência Esportiva e o de Cooperação Técnica, é possível fazer uso da entrada do Catar na Organização das Nações Unidas (ONU) e em outras organizações importantes de níveis regional e internacional para beneficiar o setor. Isso porque o país tem se dedicado para ser “um membro ativo e influente da comunidade internacional”, a fim de se classificar nas melhores posições dos rankings internacionais, sendo respaldado no seu “enorme investimento no desenvolvimento humano e comunitário” ao longo dos últimos anos. Somada à adesão em diversas organizações regionais e internacionais, a nação manteve, ao mesmo tempo, relações diplomáticas positivas com países ao redor do mundo (Qatar National Planning Council, 2018).

Por conseguinte, a Estratégia visa potencializar os benefícios de acordos bilaterais e regionais, buscando uma implementação mais eficaz. Para alcançar o resultado 4, também será desenvolvido um plano que assegure a continuação do Catar em posições de liderança nas entidades regionais e internacionais dentro dessas áreas. Sendo uma das metas a de desenvolver e implementar um sistema que garanta representações externas coordenadas e de qualidade, de modo que reflitam a imagem civilizada do Catar até o final de 2018. Outro objetivo intermediário é o de tornar o esporte fonte de receita nacional. Nele, afirma-se que, mesmo com os grandes investimentos do Estado em infraestruturas esportivas, ainda persiste o desafio de garantir que as instituições nacionais esportivas desempenhem plenamente seu papel, aproveitando essas conquistas (investimentos) para promover a diversificação da vida no país (Qatar National Planning Council, 2018).

2.1.2 QATAR SPORTS INVESTMENTS

Os investimentos esportivos do Catar se originam, majoritariamente, do fundo soberano do país: *Qatar Investments Authority* (QIA). Foi criado em 2005, como um meio do

Governo utilizar o capital excedente de sua produção de petróleo e gás natural para diversificar sua economia, através de investimentos diversos em empresas internacionais, mercados nacionais e outros ativos. O QIA desempenha o importante papel de apoiar o desenvolvimento econômico local e promover a *Qatar National Vision 2030*, através do investimento em capital humano e por incentivar a diversificação da economia nacional (Qatar Investment Authority, 2020).

O fundo soberano do Catar possui um patrimônio estimado em mais de US\$520 bilhões, sendo um dos maiores fundos soberanos do mundo. Muito disso se deve à estratégia adotada de investir em todo o globo, diversificando o portfólio em distintos setores e classes de ativos, indo muito além de investimentos no setor de energia (Qatar Investment Authority, 2020). O fundo possui participações em inúmeras empresas globais, a exemplo da Volkswagen, e com isso, mais recentemente, adquiriu uma participação significativa na futura equipe de *Formula 1* da Audi, marcando sua entrada no automobilismo de alta performance. Além de diversas subsidiárias, como a *Qatar Sports Investments* (QSI) (Qatar Investment Authority, 2020; Qatar Sports Investments, s.d.; GLOBOESPORTE.COM, 2024; Audi Mediacenter, 2024).

Fundada em 2005 pelo Emir Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani, a QSI tem como objetivos promover o progresso do esporte no país e investir no setor. Para isso, reinveste estrategicamente as receitas provenientes dos diversos empreendimentos que realiza nos setores de esportes, lazer e entretenimento do país, contribuindo para o desenvolvimento dessas áreas no território catariano (Qatar Sports Investments, s.d.). Opera dentro de uma estrutura de investimentos diversificada, focando-se tanto em investir em negócios inovadores ainda em estágios iniciais (capital de risco), quanto em ativos desenvolvidos e sólidos, com marca já consolidada e uma base de fãs estabelecida. Além disso, a subsidiária do *Qatar Investments Authority* (QIA) tem a capacidade de operar de maneira independente ou em colaboração com parceiros investidores (Qatar Sports Investments, s.d.).

Uma das aquisições mais notáveis da QSI foi o time de futebol francês Paris Saint-Germain (PSG), que tem como presidente e CEO o presidente da *Qatar Sports Investments*, Nasser Al-Khelaifi. Al-Khelaifi ocupa posições de destaque em outras organizações esportivas internacionais, a exemplo de uma cadeira no Comitê Executivo da UEFA. Para além disso, a QSI diversificou seus investimentos esportivos, adquirindo o World Padel Tour, em 2023. Desde que foi fundada, a *Qatar Sports Investments* exerce uma

relevante atribuição na ampliação da presença do Catar no cenário esportivo global (Qatar Investment Authority, 2020; Reuters, 2023).

Essas iniciativas exprimem a estratégia do Catar de instrumentalizar o esporte como um recurso que amplifique sua presença internacional e fomenta a sua diversificação econômica, alinhando-se à visão nacional de longo prazo do país (Qatar Investment Authority, 2020).

2.2. O PAPEL DA FORMULA 1 NA PROJEÇÃO INTERNACIONAL DO CATAR

Além do investimento no futebol, o Catar investiu em outras modalidades, como é o caso da *Formula 1*. A *Formula 1* (F1) é um esporte de alto rendimento, que reúne 20 pilotos de diferentes nacionalidades, sendo a categoria mais avançada do automobilismo mundial. As provas são realizadas em distintos países e continentes, com o Oriente Médio sendo o mais novo destaque, contando com corridas no Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e, mais recentemente, Catar (FIA, 2024; Cerasoli, 2023). A categoria foi oficialmente fundada em 1950 e, desde então, é regulamentada pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA). No entanto, as primeiras corridas aconteceram ainda no final do século XIX, disputadas em estradas da Europa, já que ainda não existiam pistas específicas para corridas de carros. Muitos historiadores consideram que a primeira prova da categoria foi realizada em 1901, em Le Mans, pois pela primeira vez uma corrida foi disputada com o nome de Grande Prêmio — nesse caso, Grande Prêmio da França. Adotou essa denominação por não restringir o número de participantes de cada país, se tornando um sucesso que perdura até os dias de hoje (Brasil Escola, s.d.; Band, 2024).

As corridas nesse formato despertaram grande interesse em fãs e competidores de todo o mundo, sendo realizadas temporadas ano após ano, em vários lugares da Europa. Durante as duas grandes guerras, foram realizadas etapas nos Estados Unidos, inclusive no conhecido circuito de Indianápolis. Foi em 1946, diante da popularidade das competições, que a Comissão Esportiva Internacional da FIA (Federação Internacional de Automobilismo) estabeleceu regras para as distintas categorias das fórmulas que eram disputadas com carros de apenas um lugar — o do piloto —, os chamados monopostos. A Formula 1 recebeu esse nome por ser a principal categoria dentre as Fórmulas Internacionais e seu campeonato reuniria os principais Grandes Prêmios da Europa, com as maiores fabricantes de carros do continente, como Alfa Romeo, Ferrari e Mercedes (Brasil Escola, s.d.; Band, 2024).

A primeira corrida oficial foi realizada anos depois, em 13 de maio de 1950, na Inglaterra. No icônico circuito — e antiga base aérea militar — de Silverstone, contou com carros de 4 equipes diferentes e 23 pilotos (apenas 21 se alinharam no grid de largada) de 8 nacionalidades. Nas três primeiras temporadas, as provas foram disputadas somente na Europa e nos Estados Unidos (Indianápolis). A Formula 1 desembarcou em outros lugares apenas nos anos seguintes — 54, na Argentina, impulsionada pelo êxito do piloto Juan Manuel Fangio, e em 58, no Marrocos, que fez história ao se tornar o primeiro país africano a sediar uma corrida de F1 (Brasil Escola, s.d.; Band, 2024).

Atualmente, a categoria ainda conta com algumas das principais marcas de automóveis e suas repartições competitivas — como a Scuderia Ferrari — e fez grandes nomes na história do esporte mundial: Ayrton Senna, Michael Schumacher e Lewis Hamilton. E, por ser o pináculo do esporte a motor e inovadora desde seus primórdios, desperta interesse em investidores dos mais diversos ramos e nações (Forbes, 2023).

Registra-se que o início da era de marketing no esporte foi na década de 60, quando os carros abandonaram as cores tradicionais designadas para cada país competidor (vermelho para italianos, verde para ingleses...) e passaram a utilizar as cores referentes às marcas que os estavam patrocinando. Uma das pinturas mais emblemáticas é a da McLaren em parceria com a marca de cigarros Marlboro, que estampou a escuderia na sua época de melhor desempenho (da década de 70 à década de 90). O carro branco e vermelho sagrou-se na história do esporte, pois alguns dos melhores pilotos da categoria foram campeões com ele, como Niki Lauda, Alain Prost e Ayrton Senna (Hernandes, 2017; Valente, 2019).

Com a crescente popularidade do esporte, advinda dos meios de comunicação em massa, e por testar tecnologias avançadas em seus carros — antes que os modelos estejam nas pistas de rua —, outras formas de patrocínio foram surgindo, sendo uma delas espalhar o nome/logomarca dos negócios no decorrer da pista de corrida, a fim de que fossem fotografadas e aparecessem nos jornais (Mulder, 2025). Algumas parcerias são bastante famosas até para quem não acompanha a F1, como é o caso do emblemático relógio Rolex que marca a hora exata de início das provas, sendo presente em todas as corridas da temporada desde 2013. A logomarca da coroa com 5 pontas, acompanhada do nome da marca, logo abaixo, estampou diversos muros e barreiras de pneus da categoria (Rolex, s.d.; Autoracing, 2012).

Posteriormente, os anúncios também aconteciam nas televisões, aumentando ainda mais o alcance dos negócios e, conseqüentemente, o retorno financeiro aos anunciantes. Nesse último caso que se enquadra o investimento catarense na modalidade. Iniciando nos primeiros anos da década de 2000, mesmo período em que muitos grupos financeiros e investidores iniciaram a procura por grandes obras para sediar megaeventos esportivos. O País investiu massivamente na propaganda tanto nas pistas quanto no patrocínio milionário na categoria, através de sua companhia aérea estatal, a Qatar Airways, sendo atualmente um dos maiores patrocinadores da categoria (Almeida; Pereira, 2022). Em 2015, houve até boatos de que o grupo de investimentos *Qatar Sports Investments*, ligado ao fundo soberano do país (*Qatar Investment Authority*), desejava comprar todas as ações da categoria, se tornando dono do esporte (Silva, 2015).

Esse interesse expressivo do governo catari em categorias de grande apelo internacional, como a *Formula 1*, é fundamentado, também, pela forte influência que elas possuem particularmente nos mercados europeus (Almeida; Pereira, 2022). Isso porque hospedar megaeventos possibilita uma acumulação ampliada de capital, haja visto que eventos esportivos com relevância mundial geram articulações estratégicas entre empresas privadas e o Estado, com o objetivo de viabilizar a realização do evento e assegurar elevados retornos financeiros (Almeida; Pereira, 2022). Desse modo, não causa surpresa o elevado número de eventos sediados nos países da Península Arábica ao longo das duas primeiras décadas do século XXI. No automobilismo, a *Formula 1* realizou sua primeira corrida no Bahrein em 2004, expandindo-se posteriormente para os Emirados Árabes Unidos, em 2008, e para a Arábia Saudita e o Catar em 2021 (Cerasoli, 2023).

No final das contas, o país sedia uma das etapas do calendário da F1 — recebeu o *Formula 1 Ooredoo Qatar Grand Prix*, em 2021, no Circuito Internacional de Lusail, retornando a ele em 2023 (a pausa de um ano se deve à realização da Copa que ocorreu em 2022) — e deve permanecer no calendário pelos próximos 10 anos (FIA, 2021; BeIN Sports, 2023). O circuito já havia sido palco de outras modalidades internacionais, como a MotoGP, sendo um marco na história da categoria de duas rodas, pois nele ocorreu a primeira corrida noturna da competição, em 2008 (NSC Total, 2008). Mais recentemente, o Catar adquiriu ações substanciais da Audi, empresa que está ligada à Sauber para tornar-se uma equipe de fábrica da Formula 1 em 2026. Por meio do fundo soberano *Qatar Investment Authority* (QIA), este é o principal passo que o país tomou para se tornar proprietário de uma escuderia

do automobilismo, apesar de já ser a terceira maior investidora da Volkswagen (marca que controla a Audi) (Mitchell-Malm, 2024; Formula 1, 2024).

O primeiro Grande Prêmio no Catar se mostrou um grande sucesso, atraindo 80.000 pessoas nos 3 dias de evento (Losail International Circuit, 2021; Terra, 2021; The Peninsula Qatar, 2021). O que é considerado um número expressivo, pois: o Catar não tem tradição no mundo automobilístico, o evento ocorreu num período em que ainda havia restrições e protocolos sanitários rígidos em vigor (por conta da pandemia de Covid-19), além de ter sido colocado no calendário da categoria como substituto do Grande Prêmio da Austrália, que foi impossibilitado de ocorrer devido ao surto de coronavírus. Após a pausa em 2022, por conta da Copa, as corridas realizadas no país tiveram resultados ainda melhores: em 2023, o público em todo o fim de semana foi de aproximadamente 120.000 pessoas (F1 Destinations, 2023). A principal empresa responsável pelo transporte no país, a Mowasalat (Karwa), registrou que auxiliou no deslocamento de 51.725 pessoas durante todo o evento, evidenciando a eficiência do Catar em comportar um grande número de visitantes (The Peninsula Qatar, 2023).

Já no Grande Prêmio seguinte, o público total aumentou para mais de 150.000 pessoas e a indústria hoteleira do Catar teve um crescimento notável, com taxa de ocupação de 83,6% em novembro de 2024, um crescimento de 17,5% em comparação com o ano anterior (Mix Vale, 2024; Gulf Times, 2023; Hospitality Trends, 2023). Estes dados indicam a taxa de ocupação mais elevada para um mês de novembro no país desde 2014 e destacam a relevância de receber a *Formula 1* para a economia do Catar, sobressaindo o efeito positivo no setor de hospitalidade e a habilidade do país em atrair e receber um público internacional em expansão (Hospitality Trends, 2023).

3. NARRATIVAS OFICIAIS DO CATAR, CRÍTICAS, IMPACTOS E CONTRADIÇÕES

Esta seção se dedica à análise das narrativas oficiais disseminadas pelo Estado do Catar e pela *Formula 1* no contexto da realização do Grande Prêmio no território Catari, além das críticas e contra narrativas tecidas por organizações internacionais e veículos de comunicação ocidentais. Primeiramente, é realizado um levantamento detalhado dos discursos feitos por autoridades do governo do Catar, representantes da *Formula 1* e de entidades ligadas ao evento. Em seguida, são apresentadas as críticas de organizações dos direitos humanos, bem como matérias divulgadas na imprensa ocidental, que destacam inconsistências entre a imagem internacional projetada pelo país e sua realidade interna, particularmente no que tange aos direitos humanos e liberdades civis. Esta estrutura visa proporcionar uma compreensão clara das diversas camadas do discurso — institucional, promocional e crítico — antes de prosseguir para a análise discursiva propriamente dita, que é apresentada no término da sessão. Ao longo do capítulo, são feitos comentários sucintos que apontam as contradições e os elementos fundamentais a serem analisados, antecipando as estratégias argumentativas que serão analisadas no final do capítulo.

3.1 DISCURSOS DO GOVERNO E DA FORMULA 1 E CONTRA NARRATIVAS

Por meio dos investimentos em infraestrutura para sediação de eventos esportivos e em patrocínios em diversas categorias esportivas, o Estado do Catar visa retornos financeiros, que possam promover melhorias na vida dos seus cidadãos. Entretanto, os ganhos financeiros oriundos da parceria com a *Formula 1* não necessariamente chegarão aos cidadãos comuns, haja visto que os investidores privados fazem parte de uma minoria no país. As grandes empresas envolvidas na construção da infraestrutura requerida por esse esporte e toda a logística por trás do acontecimento das corridas podem até trazer capital significativo para o país, mas não significa que haverá investimentos para minorias sociais. Para além disso, o esporte é visto como uma plataforma na qual o Governo pode passar a visão desejada sobre o país, nesse caso, de uma nação inovadora, liberal, aberta ao público e amigável. Sendo também utilizado para criar e/ou fortalecer relações diplomáticas com outros Estados (Qatar National Vision 2030, 2008). Para tal fim, diversas personalidades do governo estão bastante envolvidas com o setor esportivo e tecem comentários sobre ele.

Um dos primeiros comentários sobre o interesse do Catar na *Formula 1* surgiu do antigo sheik Khalid bin Hamad Al-Thani, após pilotar a Williams FW31 com a configuração de 2009, se tornando o primeiro catariano a pilotar um carro de F1. O sheikh percorreu o Circuito Internacional de Losail, por meio de um evento publicitário da equipe Williams, dando 5 voltas ao todo. No final da experiência, afirmou que o veículo era distinto de todos que já havia pilotado e que ser o primeiro catari a pilotar um automóvel da categoria foi incrível e seria inesquecível. O evento ocorreu devido a dois fatores: nesse momento, Khalid estava desenvolvendo o projeto Qatar Motor City, que reuniria pistas de corrida de rua, de arrancada e uma pista oval. Um projeto que, no entanto, não saiu do papel. O outro fator foi que a Williams havia lançado, em outubro de 2009, um projeto para desenvolver inovações tecnológicas com o uso da tecnologia da *Formula 1* (Collantine, 2009).

Os pilotos da tradicional equipe inglesa também tiveram a oportunidade de conhecer a pista durante as solenidades. Rubens Barrichello compartilhou sua opinião sobre o Circuito de Losail que, embora seja de difícil memorização por conter muitas curvas, possui um layout e nível de aderência ótimos. O piloto brasileiro também acrescentou que Losail tem uma reta suficientemente longa para provocar boas ultrapassagens, assim, “seria um ótimo local para um grande prêmio” (Collantine, 2009). Por isso, não surpreende que, posteriormente, o atual sheikh Tamim Bin Hamad Al Thani, no ano de 2015, falou sobre a categoria, após semanas de especulações acerca do interesse em se tornar o terceiro país do Oriente Médio a sediar um evento de F1 (Noble, 2015).

O sheik deu seu aval oficial à iniciativa de garantir um Grande Prêmio no território nacional, segundo afirmado pelo então vice-presidente da FIA e chefe da federação de automobilismo do Catar (QMMF), Nasser Khalifa Al Attiyah (Noble, 2015). Ademais, descartou as sugestões de que a futura corrida deveria ocorrer no circuito existente de Losail, que já sediava a MotoGP desde 2004, afirmando que deve ser realizada no circuito de rua da nova cidade de Losail (que, a este período havia sido nomeada como sede da final da Copa do Mundo de futebol de 2022) (Noble, 2015). Nasser Khalifa Al Attiyah, alegou que o governo solicitou que tudo fosse feito para finalizar as negociações e receber o evento, pois isso ajudaria a promover a cidade de Lusail (Noble, 2015). Desde esse tempo, o Catar tem estreitado seus laços com a FIA, sendo, inclusive, palco para a cerimônia oficial de premiação do órgão regulador no ano de 2014. Somado a isso, Al Thani aprovou a solicitação

do presidente vigente da Federação nesse período, Jean Todt, para apoiar iniciativas de segurança nas estradas (Noble, 2015).

Mais recentemente, já com os direitos conquistados de sediar uma etapa do campeonato de Formula 1, que ocorreu no existente Circuito de Lusail, outras opiniões foram tecidas por parte dos organizadores, patrocinadores e até profissionais de pista da *Formula 1*. Na coletiva de imprensa para o anúncio do principal patrocinador da primeira corrida de Formula 1 em solo Catari, a empresa de telecomunicações Ooredoo Group foi anunciada e o nome da etapa foi oficialmente divulgado: Grande Prêmio do Catar de Formula 1 Ooredoo. O Diretor Executivo do Ooredoo Group comentou na ocasião, sobre o patrocínio (Ooredoo, 2021):

Estamos muito felizes que o Catar será o anfitrião de um evento tão importante no calendário esportivo global. [...] Temos uma longa história de apoio a grandes eventos esportivos, em linha com nossa estratégia de responsabilidade social corporativa, e estamos tremendamente orgulhosos de que essa história agora incluirá o Grande Prêmio do Qatar Ooredoo de *Formula 1*. Agradecemos aos nossos parceiros *Formula 1* e QMMF por sua confiança na Ooredoo[...].

O trecho exprime um esforço consciente para estabelecer uma narrativa de familiaridade e continuidade com o universo esportivo mundial, ainda que essa “tradição” seja, na realidade, recente. Ao declarar ter uma “longa experiência” em grandes eventos, a Ooredoo, como uma empresa catarense, colabora no discurso governamental mais amplo, que busca apresentar o Catar como um ator experiente, confiável e institucionalmente preparado. Construir essa narrativa é essencial para legitimar sua participação no calendário mundial de megaeventos e minimizar críticas que apontam a sua ausência de tradição democrática ou de um legado esportivo estabelecido. Assim, a tradição atua como um recurso simbólico para promover confiança entre parceiros e audiência internacionais, amenizando percepções de artificialidade ou oportunismo no campo diplomático.

Nesse mesmo evento, o sheikh Mohammed Bin Abdulla Al Thani, vice-presidente executivo do grupo e CEO da Ooredoo Catar, salientou que sediar a *Formula 1*, com essa parceria entre público e privado, faz parte da estratégia e dos esforços para a realização plena da Visão 2030 (Ooredoo, 2021):

Estamos orgulhosos de que, como parte de nossa motivação para atingir os objetivos da Qatar National Vision 2030, nosso país esteja bem preparado para tal evento e tenha realmente provado sua adequação como um centro confiável para grandes ocasiões esportivas. [...] Garantiremos que apoiaremos nossos parceiros na entrega de um evento de classe mundial que consolidará o lugar do Catar no cenário esportivo global.

Já esse discurso fundamenta-se na Qatar National Vision 2030, um planejamento estratégico que direciona o reposicionamento do país no contexto global. Ao declarar que o Catar “provou sua adequação”, a narrativa visa solidificar a imagem de uma nação moderna, previsível e estável, atributos cruciais para atrair investimentos e receber eventos de grande magnitude. Dessa forma, o argumento da “adequação” associa-se diretamente à construção simbólica de uma tradição. Apesar de recente, essa “tradição” é encenada discursivamente como prova de competência e persistência institucional. Isso reforça o conceito de sports diplomacy trazido por teóricos como Murray (2018), em que a credibilidade estabelecida através de grandes eventos atua como um recurso diplomático e econômico.

A última autoridade catari a se expressar no evento de anúncio da sediação do primeiro Grande Prêmio em solo Catari foi o presidente da *Qatar Motor & Motorcycle Federation*, Abdulrahman Al-Mannai, que disse (Ooredoo, 2021):

Este é um dia muito especial para o Qatar Motorsport e as ambições da nossa nação como anfitriã de grandes eventos esportivos. Estou muito orgulhoso de termos conseguido apoiar a Formula 1 ao intervir e sediar uma corrida em nosso país em um período tão curto, ao mesmo tempo em que garantimos um acordo inovador de longo prazo com a F1.

A análise dos discursos oficiais evidencia uma tensão retórica interessante: por um lado, o Catar utiliza a ideia de que existe uma tradição consolidada na organização de megaeventos esportivos, visando transmitir estabilidade, competência e confiabilidade no cenário internacional. Por outro lado, exalta sua habilidade de agir de forma ágil e estabelecer acordos em períodos curtos, tal como com a *Formula 1*, destacando qualidades como eficácia, dinamismo e inovação. A presença simultânea de discursos que aparentemente são contraditórios não deve ser compreendida como incoerência, pois se trata de uma estratégia discursiva intencional. Como argumentado por Jiménez-Martínez e Dolea (2024), muitas vezes os Estados formam sua imagem global através de diversas narrativas, inclusive

ambivalentes, que são adaptadas de acordo com o contexto e os públicos a que se destinam. No contexto Catarí, a tradição atua como um fundamento de legitimidade, enquanto a inovação de curto prazo indica sua disposição em reagir prontamente a oportunidades estratégicas. Em conjunto, essas narrativas intensificam a percepção de uma nação preparada, além de ágil, apta a se estabelecer como um participante significativo no cenário esportivo mundial.

As narrativas trazidas evidenciam um esforço conjunto do governo e das entidades catarianas para transmitir uma imagem de competência, estabilidade e modernidade no cenário internacional. Essas declarações, ao enfatizarem “histórico de apoio ao esporte”, “orgulho nacional” e “preparo para sediar eventos de classe mundial” estabelecem uma narrativa meticulosamente elaborada com o objetivo de legitimar o Catar como um anfitrião confiável e um parceiro estratégico no panorama esportivo mundial. Aspectos como a agilidade na organização do evento, a conexão direta com a Qatar National Vision 2030 e o incentivo à colaboração entre o setor público e privado sugerem que a meta ultrapassa o entretenimento: o propósito é criar capital político e simbólico, consolidar a liderança regional e intensificar as relações diplomáticas, especialmente com potências ocidentais e entidades esportivas.

O foco na “adequação” e na “experiência” atende tanto à necessidade de ganhar a confiança de stakeholders internacionais quanto à intenção de desviar a atenção das críticas ao sistema político interno, propagando uma imagem progressista e alinhada aos princípios internacionais. Portanto, essa comunicação não é direcionada apenas ao público interno, visando também a audiência externa, incluindo a investidores, patrocinadores, mídia internacional e torcedores de outros países, que, convencidos da legitimidade do Catar neste setor, podem auxiliar no fortalecimento de sua influência global.

Do outro lado, figuras importantes da *Formula 1* teceram elogios tanto ao Governo do Catar e sua agilidade para sediar o evento em meio à pandemia de COVID-19 — substituindo o Grande Prêmio da Austrália — quanto ao interesse da categoria em acontecer em outros lugares do mapa. O presidente e CEO da *Formula 1*, Stefano Domenicali, comentou (Ooredoo, 2021):

Estamos muito satisfeitos em receber o Catar no calendário da Formula 1 nesta temporada e, no longo prazo, a partir de 2023. A Qatar Motor & Motorcycle Federation e as autoridades foram incríveis e se moveram em grande velocidade para garantir que a corrida pudesse acontecer nesta temporada no Circuito de Losail [...]. Mostramos que podemos continuar a nos adaptar e há um grande interesse em nosso esporte e a esperança de muitos locais em ter um Grande Prêmio.

Junto a ele, Jean Todt, presidente da Federação Internacional de Automobilismo (FIA), parabenizou a *Formula 1*, as autoridades do Qatar e a *Qatar Motor & Motorcycle Federation* por trabalharem “incansavelmente para fazer com que o Grande Prêmio inaugural no Catar acontecesse de forma rápida e eficiente nestes tempos desafiadores” (Ooredoo, 2021). Além de agradecer ao ministro da Cultura e Esportes, Salah bin Ghanem Al Ali, e ao presidente da QMMF, Abdulrahman Al-Mannai, destacando que tanto o compromisso de longo prazo com a F1 quanto a organização de tantos outros eventos internacionais, como a Copa do Mundo, “é outro exemplo da forte paixão do Catar pelo esporte.” (Ooredoo, 2021).

Como anteriormente citado, o primeiro Grande Prêmio no Catar se mostrou um grande sucesso, com grande participação do público, mesmo em meio à pandemia de Covid-19. Vários membros da Família Real do Catar estiveram presentes, entre eles o Emir Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani, seu pai, Sheikh Hamad bin Khalifa Al Thani, e sua mãe, Sheikha Moza bint Nasser. Também estiveram presentes o Primeiro-Ministro e Ministro do Interior, Sheikh Khalid bin Khalifa bin Abdulaziz Al Thani, o Presidente e CEO da Formula 1, Stefano Domenicali, o Presidente da FIA, Jean Todt, o Presidente da Federação Internacional de Futebol, Gianni Infantino, vários chefes de federações e membros de missões diplomáticas credenciadas no país (Lusail Circuit Sports Club, 2021).

O Sheikh Khalid bin Khalifa bin Abdulaziz Al Thani, ex-primeiro-ministro do Catar, foi o responsável por entregar os troféus aos vencedores da corrida, que foi vencida pelo britânico Lewis Hamilton. Sua presença no pódio além de desempenhar um papel cerimonial, também evidenciou o envolvimento do alto escalão governamental com o evento e a estratégia de divulgação internacional do país através do esporte. O Sheikh Tamim expressou seu orgulho pelo Catar sediar esse grande evento esportivo, dando destaque à importância dos esportes como meio de criar oportunidades para os jovens se envolverem em atividades esportivas, além de serem uma plataforma para melhorar a posição internacional do país. Somado a isso, o sheikh mencionou que hospedar a *Formula 1* é um reflexo do esforço do

Governo em apoiar categorias esportivas globais e desenvolver infraestrutura esportiva no país (Ministry of Sports and Youth, s.d.).

Um braço importante para os investimentos do Catar nos esportes é a *Qatar Foundation for Education, Science and Community Development* (QF), fundação que completou 30 anos de atuação em 2025. O ministro dos Esportes e Juventude, Sheikh Hamad bin Khalifa bin Ahmed al-Thani, alegou que a QF tem desempenhado um papel vital para elevar o Catar no mundo dos esportes e promover a cultura de inclusão, de forma que todos os segmentos da sociedade se envolvem em atividades esportivas, ao mesmo tempo que mantém a identidade cultural. O Ministro também salientou a importância da QF para desenvolver infraestrutura esportiva sustentável e inovadora, o que tem fortalecido o acesso a todos os segmentos sociais, inclusive às pessoas com deficiência (Gulf Times, 2025).

Para ele, além de ampliar o acesso e oportunidades de trabalho nos esportes, as iniciativas da *Qatar Foundation* contribuem “para um desenvolvimento social mais amplo.” Tamin finalizou destacando que a QF seguirá sendo uma aliada essencial para o compromisso constante do Catar em consolidar o legado da Copa do Mundo da FIFA 2022 e para obter êxito nos próximos eventos esportivos no país. Ademais, as iniciativas da Fundação fortalecerão a posição de destaque do Catar, tanto regionalmente quanto globalmente, no cenário esportivo (Gulf Times, 2025).

A *Qatar Foundation for Education, Science and Community Development* (QF) é destacada como crucial na estratégia de projeção internacional do Catar, particularmente no fomento ao esporte como meio de inclusão social e afirmação da identidade. Ao enfatizar a ascensão do país no cenário esportivo, discursos oficiais — como o de sheikh Hamad bin Khalifa bin Ahmed al-Thani, Ministro dos Esportes e Juventude — não se limitam a descrever um processo, mas também desempenham um papel ativo na sua solidificação simbólica. Essa narrativa pode ser interpretada sob a perspectiva da “profecia autorrealizável” aos moldes de Wendt (1992), na qual as identidades e interesses dos Estados são formados socialmente, através da repetição de práticas e discursos que passam a influenciar a realidade.

Ao declarar publicamente que o Catar é uma referência em esportes e inclusão, os representantes do Estado ajudam a consolidar essa visão no cenário internacional, mesmo que tal reconhecimento ainda esteja em discussão. Além disso, ao enfatizar a acessibilidade da infraestrutura e a participação de todos os grupos sociais, o discurso busca se alinhar a

princípios universais, como os direitos humanos e a igualdade, contrapondo-se a críticas anteriores ligadas à exclusão social ou às restrições de direitos no país. Ainda que não tenham sido realizados avanços significativos no campo de direitos humanos e direitos trabalhistas no Catar.

O feito mais recente do Catar no meio automobilístico foi a aquisição de parte significativa da Audi, por meio da *Qatar Investments Authority*. A Audi (que faz parte do conglomerado da montadora Volkswagen) irá estreiar na *Formula 1* na temporada de 2026, como proprietária da equipe Sauber. Por isso que o capital recebido da QIA é de grande importância, para que o aparato da nova equipe se desenvolva (Mitchell-Malm, 2024). Para o Catar, ter um envolvimento com uma equipe do grid, mesmo que indiretamente, pode significar maior influência nas decisões estratégicas da categoria, o que seria muito relevante, já que o país já hospeda um Grande Prêmio e objetiva consolidar sua presença no esporte.

O CEO da QIA, Mohammed Al-Sowaidi, comemorou a aquisição: “A Audi é um parceiro premium de escolha com um rico legado de automobilismo. Como investidor de longa data no Grupo Volkswagen, acreditamos na visão e direção da Audi ao entrar na *Formula 1* e nosso investimento apoiará a realização desse objetivo” (Bloomberg Línea, 2023).

Embora não seja um investimento direto na *Formula 1*, já que o Catar não detém a propriedade de toda a equipe, o relacionamento da QIA, Volkswagen e Audi-Sauber enfatiza a presença do país no pináculo do esporte a motor, o que condiz com a estratégia de projeção global a partir do esporte — e conduz o Estado até ela. Assim, sendo parte da estratégia discursiva do país, de promover com suas declarações o que eles afirmam e buscam estabelecer como verdade. Reforçando isso, Al-Sowaidi acrescentou que a QIA enxerga a *Formula 1* como um esporte com grande potencial de investimento e ainda inexplorado (UOL, 2024).

A crescente comercialização de esportes profissionais como uma oferta de entretenimento globalmente, e a popularidade cada vez mais global da *Formula 1*, tornou-se uma oportunidade empolgante para o nosso primeiro grande investimento em automobilismo.

Este discurso destaca a compreensão do esporte como um recurso econômico e diplomático, reforçando a visão da sports diplomacy como um instrumento estratégico para a inserção internacional. Ao enfatizar a expansão global da F1 e seu apelo como entretenimento de grande audiência, a declaração vincula diretamente o investimento do Catar a um mercado de grande potencial e grande visibilidade. A referência à “oportunidade empolgante” indica não apenas um interesse comercial, mas também um plano político de longo prazo: estabelecer o Catar como um centro de modernidade, inovação e capacidade de investimento. A construção dessa imagem tem como objetivo satisfazer tanto o público interno, reforçando um discurso de avanço nacional, quanto os públicos internacionais reafirmando a posição do país como anfitrião legítimo de grandes eventos.

Ao mesmo tempo, o anúncio da realização de uma etapa do campeonato internacional de *Formula 1* no Catar despertou uma série de críticas, em sua maioria, pela postura do país diante dos direitos humanos. As críticas aconteceram, inclusive, dentro do paddock. O piloto britânico, Lewis Hamilton, único piloto negro em toda a história da categoria, é conhecido mundialmente por seu ativismo dentro e fora das pistas. Por isso, não surpreendeu quando Hamilton não se absteve do debate acerca de correr num país que não respeita os direitos humanos, nesse caso, o Catar (The Guardian, 2021). Já na coletiva de imprensa, que antecedeu as movimentações na pista para o primeiro Grande Prêmio no país, Lewis afirmou estar ciente das problemáticas que envolvem alguns dos países e destacou que o Catar “parece ser considerado um dos piores nesta parte do mundo” (The Guardian, 2021). O heptacampeão seguiu sua fala ressaltando que é uma obrigação dos esportistas chamarem atenção para esses lugares, quando vão até eles, haja visto que “direitos iguais são uma questão séria” (The Guardian, 2021).

Se estamos indo a lugares assim, precisamos dar visibilidade a essas situações. Uma pessoa pode fazer apenas uma pequena diferença, mas coletivamente podemos ter um impacto maior. Eu gostaria que mais atletas falassem sobre essas questões [...] Depende do quanto você decide educar a si mesmo e tornar o esporte mais responsável, e garantir que o esporte está efetivamente fazendo alguma coisa quando vai a lugares assim. (Lewis Hamilton na coletiva de imprensa antes do primeiro Grande Prêmio do Catar)

As declarações de Hamilton se opõem fortemente aos discursos oficiais do governo do Catar e de representantes do setor empresarial. Enquanto eles criam uma representação meticulosamente equilibrada de progresso, modernidade e hospitalidade, a declaração do piloto funciona como uma interrupção simbólica nesse esforço de construção de narrativas. Os atletas, especialmente Lewis Hamilton, que possuem reconhecimento internacional e um histórico de envolvimento em causas sociais, não estão sujeitos aos mesmos compromissos diplomáticos e econômicos que restringem os discursos das autoridades locais ou de líderes de grandes empresas. Portanto, conseguem se manifestar de maneira mais crítica e independente. De acordo com Archer (2021), os atletas, ao se tornarem figuras admiradas internacionalmente, também assumem uma função ética: a obrigação de usar sua visibilidade para questionar injustiças e desafiar estruturas de poder que geralmente não são submetidas à análise pública. Dessa forma, a manifestação de Hamilton além de denunciar as infrações aos direitos humanos no Catar, também atua como contraponto a *sports diplomacy* pelo país, expondo a tensão entre o espetáculo e as questões éticas que ele pode ignorar.

Acusar um país de sportswasher tem se tornado cada vez mais comum, haja visto que o esporte mundial está cada vez mais entrelaçado com questões políticas e econômicas, incluindo os elementos problemáticos moralmente (Fruh *et al.*, 2023). O que Fruh *et al.* (2023) estudam é a cumplicidade que essa prática desencadeia, pois, segundo eles, a prática de sportswashing se expressa em duas vertentes. Na primeira, infiltra-se nos elementos importantes dos esportes, como entusiasmo, paixão e identidades comunitárias criadas nos torcedores, e contamina com injustiças severas e políticas desonestas. Além disso, atua como uma forma de tornar todos os participantes (de jornalistas a atletas e espectadores) cúmplices das irregularidades do agente.

Mais uma vez, é importante ressaltar o poder que o esporte desenvolveu para alcançar um público gigantesco, principalmente após a introdução da televisão aberta, que massificou o acesso às competições esportivas. E, esse acesso tem sido exponencial com o adensamento das redes sociais, assim, à medida que ele é transmitido “para todos os cantos que os satélites podem alcançar”, cresce sua eficácia como ferramenta para gerir a opinião pública e resolver manchas morais na reputação dos Estados. Todavia, ao mesmo tempo que esse amplo alcance pode melhorar a imagem do país, também abre margem para que as críticas sejam desenvolvidas e vistas (Fruh *et al.*, 2023, p. 4).

Sob a ótica da perspectiva construtivista das Relações Internacionais, o discurso funciona como um componente performativo, que molda as realidades social e internacional (Onuf, 1989; Adler, 1997). O Catar, discursivamente, não se limita a investir no esporte, mas também se apresenta como um ator globalizado, contemporâneo e dedicado à inclusão e ao desenvolvimento sustentável — princípios que visam atenuar críticas acerca de violações de direitos humanos e autoritarismo. Nos discursos oficiais de autoridades governamentais e dirigentes da *Formula 1*, o esporte é apresentado como um meio de inovação, inclusão social, progresso e diplomacia, uma descrição frequente do que Castro (2020) e Murray (2012) designam de *sports diplomacy*. Ao enfatizar aspectos como “responsabilidade social corporativa”, “classe mundial”, “oportunidade para os jovens” e “promoção da Vision 2030”, as narrativas estabelecem uma imagem desejada do Estado Catari, que está alinhada aos valores internacionais vigentes, principalmente os ocidentais. Esta retórica integra um esforço evidente de *nation branding* e de *soft legitimization* (Jiménez-Martínez, 2022), com o objetivo de desviar a atenção das críticas e denúncias acerca da repressão política e de abusos contra os direitos básicos, a fim de estabelecer uma representação de uma nação contemporânea, aberta e global.

O uso constante de expressões como “orgulho nacional”, “parcerias público-privadas”, “legado da Copa do Mundo” e “compromisso com a segurança” indica uma tentativa de normalizar a participação do Catar nos grandes eventos esportivos mundiais. Conforme destacado por Redeker (2008), a utilização do esporte como instrumento simbólico possibilita que governos autoritários busquem aceitação simbólica no cenário internacional, um processo que se alinha ao conceito de *sportswashing*. A ligação direta com corporações globais, como a Audi/Volkswagen, e com marcas de renome, como a *Formula 1*, intensifica esse projeto discursivo de inserção e respeito.

Ademais, existe uma combinação entre declarações da *Formula 1* e do governo do Catar: ambos utilizam uma linguagem focada na eficiência, no progresso e no comprometimento recíproco. De acordo com Özsari (2022), essa reciprocidade discursiva é essencial para a dinâmica do *sportswashing*, no qual as entidades esportivas também ganham financeiramente e reputacionalmente ao se associarem a Estados com agendas polêmicas. Além disso, a valorização da rapidez e eficácia na organização do evento (especialmente durante a pandemia) é promovida como um mérito nacional, reforçando a narrativa de agilidade e, sobretudo, competência do Estado, ao passo que esconde elementos ligados à

falta de transparência nos processos decisórios e aos custos sociais associados à realização desses megaeventos.

Dessa forma, a análise dos discursos expõe uma complexa estratégia discursiva na qual o Catar procura, por meio da *Formula 1*, estabelecer uma imagem favorável e, simultaneamente, atenuar as polêmicas que envolvem sua política doméstica e seu modelo de desenvolvimento. Os discursos, além de transmitir informações, constroem uma realidade ideal — e, nesse processo, se transformam em instrumentos de poder simbólico.

3.2.1. A COBERTURA DA MÍDIA INTERNACIONAL

A cobertura jornalística internacional acerca da *Formula 1* no Catar tem sido ampla, principalmente dos veículos ocidentais — e europeus —, abordando não somente os elementos esportivos, mas também questões comerciais, culturais e políticas ligadas ao evento. A realização dos Grandes Prêmios de *Formula 1* no país — e o contrato de sediação de múltiplos anos — atraiu significativamente a imprensa global, que discutiu várias questões políticas e comerciais ligadas aos eventos.

A prática de “sportswashing” foi um tópico frequente na cobertura, onde nações usam eventos esportivos para melhorar sua reputação internacional e desviar o foco de questões controversas. A Anistia Internacional e outras entidades de defesa dos direitos humanos foram alguns dos atores a condenar a execução de corridas no Catar, manifestando inquietações sobre o histórico do país em relação aos direitos dos trabalhadores migrantes e outros assuntos de direitos humanos. Esses comentários foram amplamente difundidos por meios como o Motorsport.com (2022), que é um dos principais veículos de mídia sobre assuntos ligados ao automobilismo. Em uma de suas matérias, o veículo enfatizou as alegações de que a *Formula 1* estaria “facilitando ativamente o sportswashing” ao realizar corridas em Estados do Oriente Médio com registros de direitos humanos questionáveis (Motorsport.com 2022).

A matéria ressalta que uma carta assinada por 90 parlamentares europeus foi enviada ao presidente da FIA, Mohammed ben Sulayem. Eles criticam tanto a Federação quanto a categoria por terem um “duplo padrão absoluto” de condenar a guerra na Ucrânia, mas ignorar conflitos que são liderados e patrocinados por países como Bahrein, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Além disso, criticam as questões dos direitos humanos nos países do Golfo que hospedam a categoria (Motorsport.com 2022):

A F1 tomou recentemente uma posição clara a favor dos direitos humanos e cancelou seu contrato com a Rússia [...] A FIA precisa colocar um fim em seus negócios manchados de sangue com o Bahrein e seus abusivos vizinhos do Golfo, cancelando as corridas da F1 por lá.

Também havia sido veiculada a carta feita em associação com o Instituto de Direitos e Democracia do Bahrein (BIRD) e outras 27 ONGs, direcionada ao CEO da F1, Stefano Domenicali. Nela, a *Formula 1* foi criticada por sua “falha em engajar com a sociedade civil e reconhecer os abusos aos direitos humanos no Bahrein” (Motorsport.com, 2022).

Outra matéria que abordou a repercussão internacional do anúncio do Grande Prêmio do Catar em 2021 e a assinatura do contrato de 10 anos para realizar corridas no país a partir de 2023 foi a veiculada pela BBC Sports (2021). A matéria ressalta que entidades como a Anistia Internacional condenaram a decisão da *Formula 1*, argumentando que o Catar possui um histórico conturbado de infrações aos direitos humanos. A Anistia pediu, em uma declaração, que a F1 “insista que todos os contratos relativos a esta corrida contenham padrões trabalhistas rigorosos em todas as cadeias de fornecimento”. Respondendo à declaração, a *Formula 1* disse (Benson, 2021):

Por décadas, a *Formula 1* tem trabalhado duro para ser uma força positiva em todos os lugares onde corre, incluindo benefícios econômicos, sociais e culturais. [...] Esportes como a *Formula 1* estão em uma posição única para cruzar fronteiras e culturas e unir países e comunidades para compartilhar a paixão e a emoção de competições e conquistas incríveis.

Em entrevista exclusiva para a BBC Sports (2021), após as críticas sobre adicionar a Arábia Saudita e o Catar no calendário da categoria, Domenicali argumentou que isolar os países que cometem crimes contra os direitos humanos traria um efeito negativo. Continuou afirmando que transformações tão significativas, como uma mudança cultural, demandam tempo, mas que “o timing será acelerado pelo fato de grandes eventos estarem lá. E a *Formula 1* desempenhará um papel importante nesse aspecto.” Além disso, o CEO da categoria afirmou que o contrato firmado com o Catar assegura que o Estado deve respeitar os direitos humanos em todas as dimensões que o ligam ao esporte. Caso contrário, a F1 tem o direito de encerrar o acordo, mas acrescentou que o país já implementa ações que exprimem

seu compromisso de levar a sério as transformações em sua sociedade: “Se você olhar pragmaticamente para o que eles estão fazendo, em termos de mulheres, por exemplo, eles têm mulheres em posições de destaque na organização, elas estão trabalhando e respeitando os regulamentos.” (Benson, 2021).

Quem também se pronunciou acerca das críticas que a categoria recebeu após o anúncio do GP do Catar foi o diretor da equipe Mercedes, Toto Wolff, na ocasião da conferência de imprensa em Abu Dhabi. Wolff destacou que a F1 não deve esconder os problemas desses países, pelo contrário, acredita que deixá-los em evidência com as corridas ajuda a promover mudanças internas: “Ainda acredito que, quando você tem um evento esportivo tão grande em um país, isso coloca os holofotes naquele país.” Em concordância com Stefano, Toto ressaltou que percebe mudanças por onde passa, mesmo que o padrão cultural seja distinto do europeu: “Talvez seja porque somos *Formula 1*, onde vamos pode ser diferente, mas vejo que temos um impacto” (Smith, 2022).

Em resposta ao novo contrato da *Formula 1* com o Catar e somando-se às causas defendidas pelos ativistas de direitos humanos, o então piloto da Mercedes, Lewis Hamilton, que já havia condenado a ocorrência de uma prova no país, estreou um capacete que estampava a Bandeira de Progresso do Orgulho e a frase “We Stand Together”. O capacete foi utilizado nas últimas 3 provas da temporada de 2021 (todas realizadas em países do Oriente Médio) (CNN Brasil, 2021). Por isso, quando perguntado sobre o seu protesto na conferência de imprensa do primeiro Grande Prêmio da Arábia Saudita, realizada em Jeddah, Hamilton afirmou: “Como disse na última corrida [no Catar], sinto que o esporte e nós temos o dever de tentar ajudar a sensibilizar para certas questões que vemos, particularmente sobre os direitos humanos nestes países a que vamos” (Tribuna Expresso, 2021).

O jornal *Financial Times* (2022) também veiculou o descontentamento que as corridas no Oriente Médio causam nos ativistas, entretanto, trouxe a visão crítica de alguns estudiosos de que essa perspectiva está calcada no imperialismo discursivo. Como Simon Chadwick, que afirma que os Estados do Golfo, ao se envolverem com a *Formula 1*, tentam “demonstrar ao mundo que têm o dinheiro” e que enxergar os investimentos deles apenas como “*sportswashing*” é um ponto de vista limitado, podendo comprometer futuras respostas políticas a temas como o aumento de sua presença no setor. A notícia deixa isso em evidência, citando fatos econômicos, tais como o de que alguns dos principais patrocinadores da categoria são da região e terem auxiliado a F1 a elevar suas receitas “principais” de mais

de US\$ 300 milhões para US\$ 1,5 bilhão nos primeiros nove meses de 2022, em comparação com o mesmo período de 2018 (Allen; Agini, 2022).

Ligado ao tema dos direitos fundamentais, a mídia ocidental também tratou dos assuntos referentes à liberdade de imprensa no território catari. Entidades como a Repórteres Sem Fronteiras ressaltaram os obstáculos que os jornalistas precisam enfrentar ao cobrir temas políticos no país, indicando um cenário de mídia regulado e limitações à liberdade de expressão. A censura já havia sido tema de uma matéria da BBC (2015) que relatou a detenção de um grupo de jornalistas da emissora no Catar, enquanto apurava as condições dos trabalhadores migrantes no Estado. Quando as autoridades locais detiveram os jornalistas, eles estavam produzindo uma matéria sobre os operários que trabalhavam nas construções para a Copa do Mundo de 2022. De acordo com a BBC, a equipe foi submetida a várias horas de interrogatório e teve seus equipamentos confiscados.

A prisão foi justificada pelo governo do Catar sob a alegação de que os jornalistas tinham invadido propriedade privada, o que o jornal nega e afirma que estavam apenas exercendo o direito de informar sobre um assunto de interesse público (BBC News Brasil, 2015). A notícia da detenção dos jornalistas endossou as críticas internacionais e de diversas entidades de direitos humanos sobre a ausência de liberdade de imprensa no país e a vigilância estrita do governo sobre informações confidenciais. Por isso, a Reuters Institute (2022) publicou um artigo no qual analisa os obstáculos que os jornalistas enfrentam no Catar. O país possui leis de mídia que são extremamente restritas, limitando a liberdade de imprensa e punindo severamente quem descumpra as leis definidas. Ademais, a ausência de acesso a informações públicas complica a execução de reportagens investigativas e a coleta de informações acuradas.

O artigo segue informando que a maioria das notícias divulgadas no Catar é homogênea e segue a orientação do governo. A exceção a isso é o blog de notícias independente Doha News, que frequentemente discute temas polêmicos no país. Ao contrário dos discursos institucionais emitidos pelo governo do Catar, suas empresas estatais e a emissora *Al-Jazeera*, que funcionam como extensões do projeto estatal de construção de imagem. Neste cenário, o conceito de independência é bastante revelador: sugere a falta de vínculos formais com o governo, algo incomum num país onde a maioria dos meios de comunicação está sob controle ou monitoramento do governo. O fato do *Doha News* tratar de temas controversos e internos, indica que existem rupturas no consenso discursivo

oficialmente estabelecido. Já a *Al-Jazeera*, principal emissora do mundo árabe, com sede no Catar, costuma não abordar assuntos internos, concentrando-se mais no cenário internacional (Reuters Institute, 2022).

Este cenário desafiador compromete a qualidade da cobertura jornalística no país, prejudicando o serviço dos jornalistas de informar o público de forma eficiente e transparente (Reuters Institute, 2022). Ao identificarmos esse contraste, podemos inferir que, mesmo em regimes autoritários, existem atores que buscam expandir o debate público — mesmo que com alcance restrito — e que a diversidade de discursos, mesmo que limitada, desafia a narrativa predominante de estabilidade e modernização sem conflitos.

Por conta das inúmeras críticas veiculadas na imprensa acerca da presença da *Formula 1* no Catar, o país se manifestou, como divulgado na matéria do portal de notícias brasileiro Grande Prêmio (2021). O presidente da Federação de Motor e Motociclismo do Catar (QMMF), Abdulrahman Al Mannai, afirmou que o país está receptivo a críticas, trabalhando para melhorar questões referentes aos direitos trabalhistas e garantiu que os pilotos de *Formula 1* teriam liberdade para manifestar suas opiniões sobre questões políticas e sociais.

A imprensa também destacou o uso da *Formula 1* pelo Catar como um instrumento de sports diplomacy. Ao receber grandes eventos, a nação procura ampliar sua visibilidade mundial e consolidar sua influência geopolítica. A BBC News Brasil (2022) discutiu essa tática, ressaltando que o Catar “colocou a si próprio no mapa” ao investir em competições esportivas internacionais, mesmo diante das controvérsias relacionadas. Além disso, Chris Doyle, diretor do Conselho para Compreensão Árabe-Britânica, trouxe a visão de que sediar grandes eventos esportivos faz parte do processo de reformas e abertura que o país tem em andamento. Tariq Panja, jornalista investigativo de esportes, acrescenta que essa estratégia também visa se proteger dos seus poderosos vizinhos, por exemplo, na crise diplomática de 2017, quando bloqueado comercialmente pelo Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Egito; Panja acredita que o apoio internacional decorreu principalmente da notoriedade dada pela Copa do Mundo. “Se ninguém tivesse ouvido falar desse lugar (o Catar), a gente se importaria com o caso? Acho que não. Talvez (a Copa) dê segurança pela notoriedade. Não é só o Catar, é ‘o Catar, sede da Copa’. Algo que carrega certo poder.” (Idoeta, 2022).

No contexto comercial, foram enfatizados os consideráveis investimentos do Catar no setor de automobilismo. O principal foi a parceria estabelecida com a *Qatar Airways*, que se tornou tanto a companhia aérea oficial, quanto parceira global da *Formula 1*, em substituição à Emirates. Esta colaboração envolve o apoio a diversos Grandes Prêmios e evidencia o aumento do envolvimento do país no âmbito esportivo, e, foi justificada pelo CEO do Grupo *Qatar Airways*, Akbar Al Baker, pelos valores mútuos de “paixão por inovação, precisão e luxo” (Band, 2023). Mais recentemente, as manchetes foram invadidas pelo investimento da *Qatar Investment Authority* (QIA) na Audi, durante o Grande Prêmio do Catar de 2024. A QIA adquiriu uma participação minoritária significativa na equipe de *Formula 1* que está sendo desenvolvida pela empresa alemã em colaboração com a Sauber. Apesar de não terem sido divulgados oficialmente os detalhes financeiros, fontes da mídia internacional calculam que o recurso aplicado seja de aproximadamente 350 milhões de dólares por 30% das ações do time (The Peninsula Catar, 2024; Globoesporte.com, 2024).

O capital extra impulsionará o desenvolvimento da equipe, que estreará no campeonato da Formula 1 oficialmente como equipe de fábrica da Audi em 2026. Esse aporte financeiro acontece em um momento propício para o conglomerado Volkswagen, dono da Audi, que lida com dificuldades financeiras. Ademais, o investimento da QIA é percebido como um importante estímulo para os planos da Audi na *Formula 1*, sendo um passo fundamental para fortalecer a presença do país na principal categoria do esporte a motor (The Peninsula Catar, 2024; Globoesporte.com, 2024).

Importante salientar que, exceto as matérias do contexto comercial, todas as notícias tiveram como plano de fundo as críticas dos crimes contra os direitos humanos por parte do Catar e acusações de que o Estado estaria praticando sportswashing. Ou seja, a mídia global tem enfatizado as críticas de organizações não-governamentais, como a Anistia Internacional, que destacam o histórico problemático do país no que se refere aos direitos fundamentais. Já a F1 tem adotado uma abordagem argumentativa que destaca a função do esporte como instrumento de mudança social. De modo geral, a imprensa global tem adotado uma perspectiva crítica, que ressalta as complexas interações entre esporte, política e negócios na conexão entre o Catar e a *Formula 1*. Ao mesmo tempo em que o Estado catari se esforça para fortalecer sua posição no automobilismo mundial, a mídia destaca as tensões entre os interesses econômicos da F1 e as questões de direitos humanos ligadas ao regime catari.

3.2.2. RELATÓRIOS DE ONGs SOBRE DIREITOS HUMANOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

O Catar é alvo de muitas ONGs de direitos humanos e laborais, por ser um Estado autocrático e conservador, que proíbe — e condena — relações de homossexualidade, restringe as decisões e afazeres das mulheres, além de possuir uma legislação repressiva para a mídia e trabalhadores migrantes. Por isso, muitos relatórios foram produzidos alertando a comunidade internacional e solicitando que mudanças sejam implementadas no país. Além de condenar que eventos esportivos de grande porte estejam sendo realizados no território catari, tais como a Copa do Mundo de 2022 e o Grande Prêmio do Catar. As principais instituições a realizarem esses trabalhos são a Anistia Internacional (AI) e a *Human Rights Watch* (HRW), que versam tanto sobre os direitos humanos, quanto sobre as condições de trabalho no Catar. Também foram encontrados artigos da *Freedom House*, *Committee to Protect Journalists*, *International Trade Union Confederation* e Repórteres Sem Fronteiras (RSF) que versam, especialmente, sobre as condições de trabalho, direitos dos trabalhadores e a liberdade de imprensa no Catar.

O relatório intitulado “*The Dark Side of Migration: Spotlight on Qatar*” (Human Rights Watch, 2013) revelou que milhares de trabalhadores migrantes, oriundos principalmente do sul da Ásia, lidavam com jornadas exaustivas sob um calor intenso, salários em atraso ou até mesmo não pagos, além de viverem em condições insalubres sem acesso a saneamento básico. Outra crítica trazida pelo relatório é do sistema de patrocínio *Kafala*, que vincula o funcionário ao seu chefe e proíbe alterações no trabalho e/ou sair do país sem autorização, o que favorece explorações e dificulta ainda mais a denúncia de abusos. Também relata que os funcionários viviam em condições precárias, sem qualquer conforto e itens básicos de higiene, em casas superlotadas.

A denúncia segue no relatório publicado em 2016, “*The Ugly Side of the Beautiful Game: Exploitation of Migrant Workers on a Qatar 2022 World Cup Site*” (Anistia Internacional, 2016), relatando, principalmente, os abusos cometidos contra os trabalhadores migrantes que atuavam na reforma do Estádio Internacional Khalifa, um dos principais para a Copa que seria realizada. O documento detalha as condições desumanas enfrentadas, que incluíam falta de equipamentos de proteção, ameaças e intimidações por parte dos empregadores e jornadas exaustivas sob calor intenso.

No documento da *Human Rights Watch — Building a Better World Cup: Protecting Migrant Workers in Qatar Ahead of FIFA 2022* (2012) — a organização destacou que o crescimento acelerado da infraestrutura no país foi impulsionado pela força de trabalho de centenas de milhares de migrantes. Entretanto, esses empregados se depararam com condições laborais abusivas, exploração sistemática e um sistema jurídico que não lhes proporciona a proteção necessária. Foi destacada a falta de ação das autoridades em efetuar reformas eficazes que protegessem os trabalhadores, e descrito como a FIFA e o governo do Catar desconsideraram repetidamente os alertas sobre a importância de assegurar condições de trabalho seguras. Embora a entidade máxima do futebol pudesse impor normas éticas mais estritas, ela optou por ignorar a crise humanitária que se desenvolvia durante os preparativos para o evento.

Já em “*The Case Against Qatar*” (2014), da *International Trade Union Confederation*, discutiu-se a responsabilidade global do Catar e das companhias envolvidas no projeto da Copa. O documento apontou a ausência de clareza e supervisão nos procedimentos de seleção de trabalhadores, que possibilitaram que redes de tráfico humano se beneficiassem da vulnerabilidade dos migrantes. Adicionalmente, enfatizou que as empresas patrocinadoras e os contratantes internacionais atuavam indiretamente para a continuidade deste sistema abusivo, ao não demandarem garantias de respeito aos direitos humanos. Apesar de almejar transparecer internacionalmente uma imagem de modernidade e riqueza, o Catar tem uma estrutura legal frágil para a proteção de trabalhadores migrantes. As inspeções laborais são escassas, e as reclamações feitas pelos empregados geralmente levam a represálias ou deportação, em vez de justiça. Este relatório critica duramente a FIFA por conceder ao país o direito de sediar tamanho evento esportivo sem requisitar garantias de que os direitos dos trabalhadores seriam resguardados. A organização é acusada de deliberadamente desconsiderar as condições insalubres e apoiar a exploração em prol do lucro e do crescimento do esporte em novos mercados (International Trade Union Confederation, 2014).

Outro documento da Anistia Internacional, “Copa no Catar: além de escravidão, relatórios da Anistia apontam agressão física e sexual”, de 2015, expôs um aspecto ainda mais preocupante da crise: além de serem submetidos à exploração financeira, os trabalhadores migrantes também sofriam agressões físicas e abusos sexuais. Os relatos abrangem agressões físicas, ameaças e assédio contínuo por parte dos patrões e capatazes. Inúmeros empregados que tentam denunciar tais abusos sofrem represálias ou são

simplesmente ignorados pelas autoridades do Catar, que tendem a proteger os empregadores em detrimento dos direitos humanos. Ademais, o relatório destaca as ocorrências de abuso sexual, especialmente entre empregadas domésticas migrantes, que correm um risco ainda maior de serem exploradas devido ao confinamento em casas particulares. A maioria dessas mulheres é vítima de violência e assédio sexual, sem a possibilidade de reivindicar justiça, pois denunciar tais abusos pode conduzir à sua deportação ou até mesmo a penalidades legais, já que a lei catariana frequentemente criminaliza as vítimas de violência sexual.

Em um informe da Anistia, de 2015, critica-se a falta de reformas significativas para melhorar as situações dos empregados migrantes no Catar, mesmo após anos de pressão internacional e da exposição pública dos horrores cometidos com essa população. O texto foi escrito cinco anos após o anúncio de sediação da Copa e destacou que houve pouca mudança para resguardar os trabalhadores. Além disso, aborda a censura contra a liberdade de expressão, mas, em especial, as represálias enfrentadas por jornalistas e ativistas que se esforçaram para trazer à tona e/ou denunciar esses crimes, chegando até, em alguns casos, a serem detidos ou deportados. Por esse motivo, esses casos só foram revelados quando denunciados por organizações internacionais, uma vez que os próprios trabalhadores e a imprensa local eram perseguidos e impossibilitados de denunciar as irregularidades sem enfrentar retaliações (Anistia Internacional, 2015).

Complementando os argumentos, *“Promising Little, Delivering Less: Catar and Migrant Labour Abuse Ahead of the 2022 Football World Cup”* (2015) sintetizou as declarações vazias do governo Catari no que tange à defesa dos trabalhadores. Revela-se que, mesmo sob pressão internacional, as reformas postas em prática foram meramente cosméticas, não resultando em alterações reais para os migrantes. O relatório aponta, ainda, que, apesar dos bilhões investidos na infraestrutura para o evento, os empregados permaneciam em condições de extrema vulnerabilidade, com acesso limitado ou inexistente à justiça.

Outra crítica trazida pelos relatórios é do sistema de patrocínio *Kafala*, que vincula o funcionário ao seu chefe e proíbe alterações no trabalho e/ou sair do país sem autorização, o que favorece explorações e dificulta ainda mais a denúncia de abusos. As ONGs também destacam como um grave problema a cobrança de taxas de recrutamento ilegais, que resultaram em muitos trabalhadores contraindo dívidas consideráveis antes mesmo de chegarem ao Catar, intensificando sua vulnerabilidade. Ademais, houve muitos relatos sobre

a retenção de documentos e salários, que impossibilitava que os empregados fossem pagos corretamente ou conseguissem sair do país. As instituições responsabilizam não só as empresas contratadas e subcontratadas, mas também a FIFA, por não assegurar que os projetos ligados ao evento atendessem aos padrões de direitos humanos apropriados (Anistia Internacional, 2015; 2016; Human Rights Watch, 2012; 2013).

Por fim, recomendam que sejam implementadas reformas estruturais, por parte do governo do Catar, abolindo urgentemente o sistema *Kafala*, assegurando a proteção dos trabalhadores migrantes e intensificando a supervisão das condições laborais. Também exigindo que as empresas envolvidas na infraestrutura de megaeventos esportivos assumam um papel proativo na fiscalização das condições laborais. Em suma, as denúncias reforçam a necessidade de alterações significativas para prevenir que grandes eventos esportivos favoreçam a exploração de trabalhadores e infrinjam direitos humanos essenciais.

No que concerne aos direitos das mulheres, a HRW publicou em 2021 o relatório intitulado *“Everything I Have to Do is Tied to a Man”: Women and Qatar’s Male Guardianship Rules*, no qual traz uma avaliação minuciosa das limitações impostas às mulheres no Catar através das normas de tutela masculina, que limitam consideravelmente a liberdade e independência em vários aspectos do dia a dia. A continuidade do regime de tutela perpetua a desigualdade de gênero e restringe significativamente os direitos das mulheres cataris, mesmo que o país tenha realizado algumas reformas e progressos em outros setores, como acesso ao mercado de trabalho e à educação. O regime torna necessário o consentimento de tutores masculinos para tomar decisões cruciais sobre a vida dessas mulheres.

Uma das áreas que mais são impactadas por essas limitações é o casamento, já que, independentemente da idade, é preciso a permissão para se casar e, após o matrimônio, se tornam tuteladas pelos seus maridos — o que pode restringir ainda mais as liberdades referentes à carreira, deslocamento e tomada de decisões. Por outro lado, os homens possuem liberdade total para se casarem, inclusive com até quatro pessoas. No âmbito educacional, as mulheres enfrentam diversas dificuldades para estudar fora do território nacional, embora representem a maioria do alunado universitário Catari. Por exemplo, no caso de bolsas governamentais para o exterior, normalmente se exige a apresentação de uma carta de “não objeção” por parte do tutor, embora isso não esteja formalmente definido em lei. Essa é mais

uma das maneiras de restringir o acesso das mulheres a oportunidades de estudo e intensificar sua dependência dos homens (Human Rights Watch, 2021).

A mesma dinâmica é percebida na legislação trabalhista, que, embora não exija formalmente a permissão de um tutor, muitas vezes repartições públicas a requerem de forma informal. O que intensifica a subordinação feminina tanto no âmbito familiar quanto no profissional, por limitar o acesso das mulheres ao emprego. Outro ponto alarmante trazido no relatório é a liberdade de deslocamento, onde também se faz necessário a permissão do tutor masculino para que mulheres solteiras com menos de 25 anos possam viajar para o exterior. As mulheres casadas até podem viajar sozinhas, porém há a possibilidade de serem impedidas judicialmente caso o marido solicite uma ordem às autoridades. Ou seja, ainda que sejam independentes financeiramente e já tenham alcançado a maioridade, o domínio masculino na vida das mulheres persiste de forma legal (Human Rights Watch, 2021).

Ademais, também ressaltam-se as limitações relacionadas à saúde reprodutiva. Certos tipos de assistência, particularmente em situações ginecológicas ou obstétricas, requerem a permissão do tutor, restringindo o acesso das mulheres a serviços de saúde indispensáveis, o que prejudica o bem-estar e a dignidade dessa parcela da população. O problema da custódia dos filhos também destaca a gravidade do sistema. Mesmo após o divórcio ou o falecimento do marido, as mulheres não têm direito à guarda integral de seus filhos, sendo impedidas de tomar decisões sobre documentos, viagens, educação e assistência médica. Caso não haja um parente masculino que possa desempenhar o papel de guardião legal, a função é assumida pelo Estado. Esta política relega as mulheres a funções secundárias na criação dos seus filhos e destaca a desconfiança institucional em relação à habilidade de decisão feminina (Human Rights Watch, 2021).

O documento também discute as consequências psicológicas e sociais dessas limitações. Foram registrados muitos relatos de frustração, incapacidade e desespero decorrentes do constante controle exercido por mentores masculinos. Muito se deve ao fato de a subordinação feminina tornar mais difícil escapar de situações de violência doméstica e de atrasar a evolução das políticas de igualdade de gênero no Catar. A *Human Rights Watch* sustenta que este sistema legitima a desigualdade e estabelece um cenário propício ao abuso e à coação. Por isso, apela ao governo que as normas de tutela masculina sejam abolidas, de forma a assegurar que as mulheres possam exercer seus direitos de maneira autônoma e plena. Recomenda, ainda, reformas legais amplas, somadas a alterações culturais e

institucionais que reconheçam as mulheres como cidadãs com direitos equiparados aos dos homens (Human Rights Watch, 2021).

Em 2022, a mesma ONG publicou uma matéria que detalha os abusos perpetrados pelas forças de segurança do Catar contra indivíduos LGBT. O documento indica que, no período de 2019 a 2022, pessoas foram detidas injustamente em espaços públicos apenas por sua identidade de gênero. Também foram vítimas de agressões verbais, assédio sexual e obrigados a firmar declarações se comprometendo a interromper atividades vistas como “imorais”. Alguns transgêneros que estavam encarcerados relataram que, para serem libertados, tiveram que se submeter a sessões de terapia de conversão em um centro governamental de “cuidados comportamentais”. As prisões foram efetuadas sem que houvesse acusações formais e alguns indivíduos foram confinados em solitária por até dois meses, sem acesso a assistência médica, jurídica e familiar. A HRW apelou às autoridades do Catar para que tais práticas abusivas sejam abolidas e que haja implementação de reformas que salvaguadem os direitos dos indivíduos LGBT no território nacional (Human Rights Watch, 2022).

No mesmo ano, a *Human Rights Watch* publicou outra matéria sobre os direitos da comunidade LGBT no Catar, com foco na Copa do Mundo, por isso critica a FIFA por dar ao país o direito de receber o megaevento, mesmo com as leis repressivas contra os indivíduos LGBT. O documento ressalta que, desde que escolheu o Catar como sede, em 2010, a entidade não conseguiu colocar em prática ações efetivas para prevenir, atenuar e corrigir os impactos negativos sobre direitos humanos, como requerido pelos Princípios Orientadores das Nações Unidas sobre Empresas e Direitos Humanos, adotados pela FIFA em 2016. Apesar de o Catar ter garantido que receberia visitantes LGBT durante a competição, essas garantias não se estenderam aos habitantes locais, que ainda enfrentam censura, monitoramento e prisões arbitrárias por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero (Human Rights Watch, 2022).

O documento também faz referência a declarações de autoridades catarianas que propõem que turistas LGBT seriam bem-vindos, contanto que respeitassem a cultura local. Isso, de acordo com a HRW, resulta na perpetuação de leis discriminatórias e repressivas. Ademais, um estudo indicou que certos hotéis recomendados pela FIFA no Catar poderiam rejeitar a hospedagem de casais do mesmo sexo ou aceitá-los, desde que não exibissem publicamente sua orientação sexual. Assim, a organização estende o apelo realizado às

autoridades catarianas com intercessão da FIFA, para que sejam responsáveis pelos padrões internacionais de direitos humanos, além de promover reformas legislativas que salvaguardem os direitos dos indivíduos LGBT no país (Human Rights Watch, 2022).

Embora foquem principalmente na Copa do Mundo de 2022, esses relatórios oferecem uma visão completa das condições laborais e de direitos humanos no Catar. As alegações acerca do histórico de violações aos direitos humanos colidem com os princípios humanitários e éticos que entidades internacionais, incluindo entidades esportivas como a F1, afirmam defender. A *Formula 1*, ao escolher realizar corridas em países como o Catar, que têm um histórico de abusos documentados por esses relatórios, se torna alvo de acusações de sportswashing.

A categoria é considerada conivente com as práticas abusivas de trabalho que persistem no Catar, particularmente por estabelecer estruturas temporárias de grande escala com trabalhadores estrangeiros. Também é tida como hipócrita, por afirmar estar comprometida com a inclusão e diversidade (como evidenciado por campanhas como *#WeRaceAsOne*), mas realizar etapas em países que não reconhecem os direitos das mulheres e LGBT. Além de causar inquietação ética e política por se colocar num cenário onde não se pode denunciar abusos sem receio de retaliação. Em suma, os relatórios atuam como suporte documental e moral para fundamentar a crítica de que a presença da *Formula 1* no Catar contradiz os princípios de respeito aos direitos humanos que a própria entidade declara apoiar.

3.3. SUCESSO DA ESTRATÉGIA DE SPORTS DIPLOMACY

A presença do Catar na *Formula 1* representa um dos exemplos mais claros de êxito em sua estratégia de *sports diplomacy*. Isso porque sediar um Grande Prêmio e assinar um contrato de longo prazo com a categoria automobilística — o acordo mais caro da história da F1 — inserem o país em uma das maiores plataformas esportivas mundiais, além de proporcionarem benefícios simbólicos e estratégicos significativos. Segundo Murray (2012), Castro et al (2020) e Carta Winter et al (2021), o esporte pode servir como ferramenta legítima de política externa, contribuindo para a formação da imagem global de uma nação, a promoção de sua reputação e a consolidação de sua presença em fóruns multilaterais e redes de influência.

Desse modo, a ligação com a *Formula 1* possibilita ao Catar intensificar suas relações com potências ocidentais, por ser um esporte com grande apelo midiático na Europa. Por exemplo, o Reino Unido, sede da organização da categoria e de algumas das principais equipes, como McLaren e Mercedes. A participação de empresas multinacionais europeias, asiáticas e dos Estados Unidos, tais como Aramco, Petronas, DHL e Pirelli no evento, destaca a posição do país como ponto de ligação entre interesses econômicos mundiais. Este contexto mostra como a *sports diplomacy* opera no estabelecimento de laços transnacionais que vão além dos limites formais da diplomacia convencional, como aponta Redeker (2008) ao enfatizar o uso do esporte como instrumento de legitimação simbólica e modernização planejada. Além de que auxilia as relações internacionais do país, pois governos e empresas com interesses no território Catari costumam reagir com cautela diante de críticas aos seus problemas de direitos humanos. Como é observado por Brannagan e Giulianotti (2018) ao examinar como o esporte é instrumentalizado para fins diplomáticos por governos autoritários, particularmente no Golfo Pérsico.

Ademais, a *Formula 1* confere ao Catar uma plataforma de visibilidade permanente, por meio da qual o país tem a oportunidade de projetar sua imagem e narrativas nacionais, mesmo em meio a críticas internacionais sobre direitos humanos e limitações às liberdades civis. Lenskyj (2012) e Jiménez-Martínez (2020) destacam que os megaeventos esportivos, para além de fins esportivos, funcionam como arenas meticulosamente montadas para a disseminação de mensagens políticas e fortalecimento de reputações governamentais. Nesta perspectiva, a utilização estratégica da F1 pode ser vista como um processo de sportswashing, já que o esporte funciona como um atenuante de percepções negativas no cenário internacional, ao mesmo tempo que consolida o país como anfitrião de respeito global.

Na esfera regional, a organização de corridas de *Formula 1* atua como um instrumento de relevância e competição simbólica com outras monarquias do Golfo, tais como os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita. Apesar de possuírem afinidades políticas, culturais e religiosas, no contexto do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), esses Estados disputam a liderança através de grandes investimentos em eventos esportivos de grande escala. Ainda que eles também sirvam para cooperação e coordenação regional. Neste cenário, Özsari (2023) ressalta o papel crucial do esporte na política externa dos países do Golfo, simultaneamente funcionando como um instrumento de competição e de colaboração entre Estados.

Outro ponto importante é a intensificação das relações com a própria *Formula 1* e com a FIA, a organização responsável pela regulamentação do automobilismo global. O contrato com duração de uma década estabelecido com a *Formula 1*, garante ao Catar uma posição duradoura e vantajosa na estrutura da competição. Essa permanência assegura tanto uma visibilidade internacional constante, quanto fortalece os canais de influência nas estruturas comerciais e decisórias do esporte. Como defendido por Archer e Matheson (2021), os megaeventos esportivos estabelecem redes de poder informais, que possibilitam que os anfitriões exerçam influência estratégica e expandam sua influência diplomática em situações que ultrapassam a rigidez da diplomacia convencional. Em última análise, receber uma etapa do calendário da F1 no território catari se destaca como uma ferramenta eficiente de diplomacia cultural, haja visto que reúne celebridades, autoridades, empresários e representantes de entidades internacionais em eventos que ocorrem paralelamente às competições. Seguindo a lógica de Fruh (2023), em que a *sports diplomacy* funciona em diversas camadas e espaços de interação, que proporciona reuniões informais, trocas simbólicas e a formação de redes pessoais de contato fundamentais para consolidar parcerias e alianças.

Pode-se dizer que, através da *Formula 1*, sob a perspectiva da diplomacia estatal, a estratégia do Catar apresenta resultados favoráveis, mesmo com as críticas severas de entidades de direitos humanos, que identificam a organização de eventos esportivos no Catar como um caso típico de *sportswashing* (Human Rights Watch, 2022; Amnesty International, 2021). O Estado conseguiu, ao mesmo tempo, projetar-se de maneira positiva no exterior, reforçar relações com atores estratégicos, reposicionar-se na dinâmica regional do Golfo e expandir sua margem de manobra no cenário internacional, estabelecendo o esporte como um elemento crucial de sua política externa atual. Hospedar a principal categoria do automobilismo mundial trouxe benefícios tangíveis para a projeção internacional do Catar, fortalecendo laços econômicos e políticos com potências mundiais e solidificando sua posição de destaque no cenário esportivo e diplomático do século XXI.

Desta forma, a utilização da *Formula 1* como ferramenta de *sports diplomacy* provou ser eficiente tanto na comunicação quanto na estratégia, integrando o evento ao plano nacional de diversificação econômica, conforme estabelecido na *Qatar National Vision 2030*. O Grande Prêmio contribui para fortalecer as áreas de turismo e entretenimento, diminuindo a dependência do petróleo e do gás, e expandindo as redes diplomáticas alternativas através do

esporte, particularmente através da interação com patrocinadores globais e equipes de automóveis de destaque. Contudo, o sucesso é limitado e incerto, isso porque a visibilidade oriunda da F1 agravou a vigilância internacional acerca do Catar, expondo as vulnerabilidades internas do regime Catari no que diz respeito aos direitos humanos e trabalhistas. A persistência da *Formula 1* no país, mesmo em meio a denúncias, demonstra uma gestão eficaz de imagem por parte do Catar. Entretanto, também suscitam dúvidas sobre a legitimidade dessa parceria por parte da própria categoria esportiva, muitas vezes acusada de hipocrisia e cumplicidade.

Em resumo, o Catar alcançou sucesso estratégico em termos de influência, visibilidade e fortalecimento de sua reputação como potência no esporte, usando a *Formula 1* como um instrumento eficaz de *sports diplomacy*. Porém, esse desenvolvimento continua a ser desafiado pelas discrepâncias entre direitos humanos e diplomacia. A persistência e efetividade da estratégia Catari dependerão, em última análise, da disposição do Estado em lidar e reformular os elementos estruturais que provocam tais críticas. Até lá, o Grande Prêmio desencadeará uma exposição global e um reflexo das ambiguidades do projeto diplomático apoiado pelo esporte.

3.4. DESAFIOS E LIMITAÇÕES DO SPORTSWASHING

Mesmo com os benefícios advindos da realização do Grande Prêmio de *Formula 1*, o Catar enfrenta desafios consideráveis e restrições estruturais que prejudicam a eficácia e a legitimidade dessa tática diplomática. Inicialmente, ao atrair um dos eventos esportivos com maior apelo midiático do mundo, o Catar também reforça a fiscalização internacional sobre seu sistema político e sua política interna. A *Formula 1*, ao aumentar a visibilidade do país, também amplia a exposição das condições laborais precárias, violações de direitos humanos e limitações às liberdades civis, especificamente no que concerne à população migrante. A iniciativa de alavancar a reputação do país através do esporte muitas vezes tem um efeito inverso, atraindo mais atenção de organizações internacionais, tais como a Anistia Internacional (2021) e a Human Rights Watch (2022), que se beneficiam dessa visibilidade para denunciar violações. Dessa forma, o sportswashing se apresenta como um paradoxo: ao mesmo tempo que visa “limpar” a reputação do país, também ajuda a evidenciar suas vulnerabilidades institucionais (Brannagan; Giulianotti, 2018).

Em certo sentido, os investimentos em esportes incentivados por governos autoritários do Oriente Médio também podem ser interpretados como forma de “comprar o silêncio” de empresas e nações ocidentais em relação às suas práticas autoritárias. Muitos atores internacionais, para preservar relações econômicas rentáveis com esses países, adotam uma postura cautelosa, evitando críticas diretas a regimes como o do Catar, com o receio de perder investimentos ou contratos estratégicos. Contudo, essa tática não é totalmente imune a resistências. Há uma corrente contrária ao *sportswashing* cada vez mais forte na sociedade civil global. Por isso, quando novos países são anunciados como sede de megaeventos, geralmente surgem campanhas de boicote, protestos e pressões de ativistas, jornalistas e entidades não governamentais. Tais movimentações revelam exatamente o que os governos tentam ocultar: violações estruturais que começam a atrair mais atenção da mídia global (Filomena, 2023).

Novamente, o caso do Catar é representativo. Apesar de o país ter sido alvo de críticas por anos antes de sediar a Copa do Mundo (o que também se estendeu ao anúncio do Grande Prêmio do Catar), a atenção da cobertura internacional mudou drasticamente após o início das competições. Conforme ressaltado por Jacobsen (2023), mesmo após anos de críticas, o que tem sido focalizado pela mídia e pelo público quase que totalmente é o desempenho esportivo, colocando os problemas de direitos humanos em segundo plano. O que destaca uma ambiguidade fundamental do *sportswashing*: ao mesmo tempo que pode chamar a atenção crítica, também tem a capacidade de mudar o foco narrativo, fortalecendo o capital simbólico e esportivo do país anfitrião.

Outro obstáculo são as acusações de cumplicidade e hipocrisia feitas à própria *Formula 1* e às marcas associadas ao evento. A vinculação entre a categoria esportiva e regimes autoritários, como o Catar, suscita questionamentos acerca da legitimidade dos participantes internacionais que tiram proveito financeiro dessas colaborações (Lenskyj, 2012; Boykoff, 2020). A indiferença da categoria em relação às críticas e denúncias suscita dúvidas sobre sua responsabilidade social, podendo comprometer a imagem da *Formula 1* como plataforma global. Portanto, a utilização do esporte como plataforma de abertura política e modernização planejada perde relevância quando a conexão entre esporte e regime é percebida como oportunista e instrumental (Redeker, 2008).

Por fim, uma restrição fundamental do *sportswashing* é a sua inabilidade de provocar mudanças estruturais nas instituições políticas da nação. A promoção da imagem

internacional não pode ser equiparada a reformas internas significativas. A estratégia catari, sem progressos significativos nas áreas de igualdade de gênero, direitos civis, liberdade de expressão e justiça laboral, continua sendo superficial e suscetível a críticas (Archer; Matheson, 2021). A magnitude simbólica da *Formula 1* não é suficiente para ocultar práticas autoritárias e violações sistemáticas, o que restringe a extensão e a persistência da estratégia de *sports diplomacy*. Portanto, a eficácia da iniciativa não se baseia apenas na continuidade do evento, mas, sobretudo, na disposição do país em responder de maneira significativa às críticas que ele próprio gerou ao se tornar conhecido mundialmente (Fruh, 2023).

Assim, mesmo que o uso da *Formula 1* como ferramenta de sportswashing tenha trazido benefícios de reputação e diplomáticos ao Catar, os desafios associados ao aumento do escrutínio internacional, à falta de reformas internas e às crises reputacionais com a própria categoria esportiva estabelecem restrições claras à sua efetividade como instrumento de política externa a longo prazo. Concordando com o que é trazido por Brannagan e Giulianotti (2018), de que a estratégia do *sportswashing* até pode trazer benefícios imediatos, ao passo que também pode resultar em consequências negativas caso não seja acompanhada de reformas estruturais, especialmente no que tange à reputação internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *sports diplomacy*, que pode ser expressa na realização de megaeventos esportivos de cunho internacional, mesmo que de pequena duração, pode acarretar benefícios de longo prazo, nas áreas econômicas, simbólicas e diplomáticas. Como no caso de estudo do presente trabalho — *Formula 1* no Catar —, com três dias de movimentação na pista, mas com a semana inteira sendo movimentada pela categoria esportiva, com diversos pilotos, equipes e patrocinadores realizando eventos durante a Semana do Grande Prêmio. Muitos Estados vêm aderindo a essa prática, porque, de acordo com Andreia Soares e Castro (2013), o que importa é o legado que será criado com ela, legados esses que abrangem diversas áreas: desenvolvimento na infraestrutura do país-sede, oportunidades para os cidadãos (com a criação de novos empregos e melhor remuneração) e a promoção da imagem do país a nível global, criando oportunidades para se desenvolver como destino turístico, comercial e no ramo dos negócios.

Entretanto, cabe salientar que os efeitos e benefícios decorrentes da *sports diplomacy*, por serem de longo prazo, são pouco tangíveis. Ainda assim, já é possível observar que o Catar tem conseguido assegurar sua posição regional e internacional como ator diplomático, participando de mediações de países em conflitos na região do Golfo e do Oriente Médio. Também tem atraído investimentos, sobretudo na área esportiva, diversificando, desta forma, sua base econômica. A parceria com a *Formula 1* tem se intensificado, a exemplo do investimento na Sauber/Audi, além do valioso contrato para hospedagem do Grande Prêmio e da companhia aérea oficial — *Qatar Airways* —, que também patrocina outras corridas do calendário.

Foi observado também que a quantidade de relatórios emitidos pelas duas principais ONGs de Direitos Humanos utilizadas na análise (Anistia Internacional e Human Rights Watch) decaiu drasticamente ou cessou, após a sediação do Grande Prêmio no país. O que não significa, necessariamente, que tenham havido alterações internas significativas. Permanece, pois, o desafio de lidar com questões estruturais ligadas às liberdades civis, aos direitos laborais e à democracia no Catar. O crescimento da atividade turística no país tem sido notável, durante a semana da corrida no Catar, mas também antes ou após, haja visto que a nação se colocou no seleto grupo de destinos de viagens de luxo. Com a *Qatar Airways* recebendo notoriedade e reconhecimento internacionais, é esperado que o número de turistas de diversas nacionalidades multiplique ainda mais.

Contudo, ao levar em conta as vantagens econômicas e simbólicas que os megaeventos esportivos prometem — infraestrutura avançada, reconhecimento mundial e novas oportunidades de trabalho — é crucial ponderar sobre a qualidade e a distribuição desses benefícios. O discurso sobre “desenvolvimento” muitas vezes desconsidera as circunstâncias em que esse avanço é realizado, particularmente em regimes autoritários como o do Catar. A presença de infraestrutura de última geração e investimentos de bilhões de dólares não erradica por si só as queixas de repressão, desigualdade e violações sistemáticas dos direitos humanos. Portanto, surge a pergunta: como podemos falar de desenvolvimento autêntico sem considerar o respeito às liberdades civis, aos direitos das minorias e à transparência institucional? O caso catari evidencia a existência de uma contradição entre a promoção de uma imagem de modernidade e as práticas internas de controle, exploração e silenciamento.

Desse modo, depreende-se que a *Formula 1* e a forma como é divulgada por atores da mídia ocidental, do governo do Catar, patrocinadores, figuras do esporte e organizações dos direitos humanos, desempenham um papel duplo. À medida que fortalece o status internacional do Catar, por estar atrelado a um dos esportes mais prestigiados do mundo, também contribui para atenuar críticas relacionadas à sua política interna e histórico controverso de direitos humanos. Se mostrando uma ferramenta eficaz para moldar a percepção externa do país. Mas a eficácia dessa estratégia depende da competência do Estado catari em combinar projeção internacional com mudanças internas autênticas. Enquanto as reformas não forem implementadas, a *Formula 1* prosseguirá retratando as contradições e ambiguidades da *sports diplomacy* contemporânea.

Sob a ótica construtivista das Relações Internacionais, compreende-se que a capacidade do Catar não se limita à sua habilidade material de receber grandes eventos, se expressando também na construção de significados compartilhados acerca de sua identidade e papel no cenário internacional. Conforme ressaltado por Alexander Wendt (1992), a anarquia internacional é uma construção social e os Estados operam de acordo com as normas, identidades e expectativas coletivamente definidas. Assim, ao transmitir uma imagem de modernidade, abertura e competência institucional através da *Formula 1*, o Catar procura estabelecer-se como ator legítimo e confiável perante a comunidade mundial. A implementação da *sports diplomacy* e a utilização de grandes eventos como estratégia de *nation branding* estão fortemente ligados à busca de adequar a imagem do país a padrões

mundiais como sustentabilidade, diversidade e direitos humanos, mesmo que tais padrões sejam aplicados de maneira seletiva ou performática. Portanto, o construtivismo possibilita expor as contradições entre a retórica e a prática, destacando como essas representações projetadas ao passo que refletem interesses, também influenciam as expectativas internacionais e a própria visão do que significa ser um Estado moderno e digno de respeito

APÊNDICE A - CONCEITOS TEÓRICOS UTILIZADOS

AUTORIA	CONCEITO	RELAÇÃO COM O TEMA
Alexander Wendt (1992; 1999)	A anarquia é o que os Estados fazem dela — normas e identidades moldam os interesses dos Estados	Ajuda a entender como o Catar busca construir uma identidade internacional positiva por meio da <i>Formula 1 (sports diplomacy)</i> e responde às críticas (<i>sportswashing</i>)
Martha Finnemore e Kathryn Sikkink (1998)	Ciclo de vida das normas — como normas se estabelecem, ganham força e influenciam comportamentos internacionais	Explica como normas internacionais de direitos humanos entram em conflito com a imagem que o Catar tenta projetar por meio da F1, tentando se alinhar a padrões globais de legitimidade (<i>sportswashing</i>)
Nicholas Onuf (2012)	O mundo é construído por regras e linguagem — as estruturas sociais são criadas e recriadas pelo discurso e pelas práticas cotidianas dos atores internacionais	Fundamenta a ideia de que as práticas esportivas e diplomáticas moldam a percepção do Catar como ator internacional (<i>sports diplomacy</i>)
Peter Katzenstein (1996)	Identidades nacionais são moldadas internamente e por normas e expectativas internacionais. Estados reagem ou se adaptam a expectativas globais para obter aceitação e legitimidade	Explica como o Catar adapta seus discursos e políticas (por exemplo, através da F1) para se alinhar a normas globais e responder a críticas internacionais sobre direitos humanos (<i>sports diplomacy</i> e <i>sportswashing</i>)
Timothy Dunne (2021)	As estruturas do sistema internacional são socialmente construídas. Conceitos como soberania, status e legitimidade são constantemente renegociados no discurso e na prática	Serve como base para analisar como o Catar usa os discursos e práticas associadas à F1 para moldar percepções externas e alinhar-se a normas globais. A linguagem usada nas parcerias e eventos ajuda a criar uma “realidade” internacional onde o

		Catar é bem-visto (<i>sports diplomacy</i> e <i>sportswashing</i>)
--	--	--

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE B - TEXTOS E DOCUMENTOS UTILIZADOS

TÍTULO	AUTORIA	DATA	TEMA GERAL	CLASSIFICAÇÃO
Sport and international relations: Qatari soft power and foreign policy making	Noof Al-Dosari	2021	Sports diplomacy	Artigo
Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol.	Rodrigo Accioli Almeida; André dos Santos Alonso Pereira	2022	Sportswashing	Artigo
2006 Qatar Asian Games: A Modernization' Project from Above?	Mahfoud Amara	2013	Sports diplomacy	Artigo
Cinco anos de fracasso sobre os direitos humanos envergonham FIFA e Catar	Anistia Internacional	2022	Violações de direitos humanos	Informe
Copa no Catar: além de escravidão, relatórios da Anistia apontam agressão física e sexual	Anistia Internacional	2015	Violações de direitos humanos	Relatório
Qatar: Promising Little, Delivering Less – Qatar and migrant labour abuse ahead of the 2022 Football World Cup	Anistia Internacional	2015	Violações de direitos humanos	Relatório

Qatar: The Dark Side of Migration: Spotlight on Qatar's Construction Sector Ahead of the World Cup	Anistia Internacional	2013	Violações de direitos humanos	Relatório
The Ugly Side of the Beautiful Game: Exploitation of migrant workers on a Qatar 2022 World Cup site	Anistia Internacional	2016	Violações de direitos humanos	Relatório
Fans, crimes and misdemeanors: Fandom and the ethics of love	Alfred Archer	2021	Sportswashing	Artigo
Sportswashing: exploiting sports to clean the dirty laundry	Lars Bergkvist; Heidi Skeiseid	2024	Sportswashing	Artigo
The soft power–soft disempowerment nexus: the case of Qatar	Paul Michael Brannagan; Richard Giulianotti	2018	Sports diplomacy	Artigo
2014 Fifa World Cup and 2016 Olympic Games: Brazil's strategy "to win hearts and minds" through sports and football	Andreia Soares e Castro	2013	Sports diplomacy	Artigo
South Africa's engagement in sports diplomacy: The successful hosting of the 2010 FIFA World Cup	Andreia Soares e Castro	2013	Sports diplomacy	Artigo

Sports diplomacy: A strategic challenge for Qatar.	Thierry Côme; Michel Raspaud	2018	Sports diplomacy	Artigo
Os esportes nas Relações Internacionais: uma análise da prática do sportswashing	Romulo Gonçalves Filomena	2023	Sportswashing	Dissertação
Sportswashing: Complicity and corruption	Kristen Fruh; Alfred Archer; Justyna Wojtowicz	2022	Sportswashing	Artigo
Building a Better World Cup: Protecting Migrant Workers in Qatar Ahead of FIFA 2022	Human Rights Watch	2012	Violações de direitos humanos	Relatório
“Everything I Have to Do is Tied to a Man”: Women and Qatar’s Male Guardianship Rules	Human Rights Watch	2021	Violações de direitos humanos	Relatório
Qatar: Security Forces Arrest and Abuse LGBT People	Human Rights Watch	2022	Violações de direitos humanos	Relatório
Media and the image of the nation during Brazil's 2013 protests	César Jiménez-Martínez	2020	Sports diplomacy	Artigo
Threats, truths and strategies: The overlooked relationship between protests, nation branding and public	César Jiménez-Martínez; Alina Dolea	2024	Sports diplomacy	Artigo

diplomacy				
The Olympic Games: a critical approach	Helen Jefferson Lenskyj	2020	Sportswashing	Artigo
Sports Diplomacy	Ministry Of Foreign Affairs	s.d.	Sports diplomacy	Site governamental
His Highness Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani at the end of the Formula 1	Ministry Of Sports And Youth	s.d.	Sports diplomacy	Site governamental
Sports Diplomacy in the GCC	Amnah Mosly	2022	Sports diplomacy	Artigo
The two halves of sports-diplomacy	Stuart Murray	2012	Sports diplomacy	Artigo
Sports diplomacy: Origins, theory and practice	Stuart Murray	2018	Sports diplomacy	Livro
Mapping the relationship between international sport and diplomacy	Stuart Murray; Geoffrey Allen Pigman	2014	Sports diplomacy	Artigo
Sport diplomacy as public diplomacy element	Arif Özsari <i>et al</i>	2018	Sports diplomacy	Artigo
Sports Diplomacy e a Prática de Sportswashing: Estudo de Caso da Arábia Saudita (2016-2022)	Francisco Miguel dos Reis Pereira	2023	Sports diplomacy, sportswashing	Dissertação
Qatar National Development Strategy 2011-2016: Towards Qatar National Vision 2030	Qatar General Secretariat For Development Planning	2011	Investimento esportivo	Documento governamental

Sports Sector Strategy 2011-2016	Qatar Olympic Committee	2011	Investimento esportivo	Documento governamental
Qatar Second National Development Strategy 2018-2022	Qatar National Planning Council	2018	Investimento esportivo	Documento governamental
Qatar National Vision 2030	Qatar National Planning Council	2008	Investimento esportivo	Documento governamental
Neymar, Cristiano Ronaldo e o sportswashing	Diogo Schiavinatto; Breno Liebbmann Vervloet	2023	Sportswashing	Artigo
Qatar's sports strategy: a case of sports diplomacy or sportswashing?	Håvard Stamnes Søyland	2020	Sports diplomacy, sportswashing	Dissertação
Qatar's foreign policy: Decision-making processes, baselines, and strategies	Guido Steinberg	2023	Sports diplomacy	Artigo

Fonte: Elaborada pela autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Emanuel. Seizing the middle ground: Constructivism in world politics. **European journal of international relations**, v. 3, n. 3, p. 319-363, 1997.

ALLEN, James; AGINI, Samuel. Gulf F1 investment fuels debate over states' growing influence. Financial Times, Abu Dhabi, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.ft.com/content/5eaeec9c-94e5-4a74-8b3b-793c621f0326>. Acesso em: 30 mar. 2025.

AL-DOSARI, Noof. Sport and international relations: Catari soft power and foreign policy making. **Tajseer Journal**, v. 3, n. 2, 2021.

ALMEIDA, Rodrigo Accioli; PEREIRA, André dos Santos Alonso. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 42, p. e203554-e203554, 2022.

AMARA, Mahfoud. 2006 Qatar Asian Games: A 'Modernization' Project from Above?. In: **Sport, Nationalism and Orientalism**. Routledge, 2013. p. 89-110.

ANISTIA INTERNACIONAL. Cinco anos de fracasso sobre os direitos humanos envergonham FIFA e Catar. Anistia Internacional, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/cinco-anos-de-fracasso-sobre-os-direitos-humanos-envergonham-fifa-e-catar/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. Copa do Mundo 2022 no Catar: Direitos humanos e violações trabalhistas. 2022. Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/copa-do-mundo-e-violacoes-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. Copa no Catar: além de escravidão, relatórios da Anistia apontam agressão física e sexual. São Paulo: Anistia Internacional, 18 maio 2015. Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/copa-no-catar-alem-de-escravidao-relatorios-da-anistia-apontam-agressao-fisica-e-sexual/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. Qatar: Promising Little, Delivering Less – Qatar and migrant labour abuse ahead of the 2022 Football World Cup. Londres: Anistia Internacional, 20 maio 2015. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/mde22/1570/2015/en/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. Catar: The Dark Side of Migration: Spotlight on Qatar 's Construction Sector Ahead of the World Cup. Londres: Anistia Internacional, 17 nov. 2013. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/mde22/010/2013/en/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ANISTIA INTERNACIONAL. The Ugly Side of the Beautiful Game: Exploitation of migrant workers on a Catar 2022 World Cup site. Londres: Anistia Internacional, mar. 2016. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/mde22/3548/2016/en/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

ARAB TIMES ONLINE. Bahrain and Saudi Arabia intensify sports collaboration. 2024. Disponível em: <https://www.arabtimesonline.com>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ARCHER, Alfred. Fans, crimes and misdemeanors: Fandom and the ethics of love. **The Journal of Ethics**, v. 25, n. 4, p. 543-566, 2021.

AUDI MEDIACENTER. Audi F1 Project strengthened by investment from QIA. Audi, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://www.audi-mediacenter.com/en/press-releases/audi-f1-project-strengthened-by-investment-from-qia-16415>. Acesso em: 19 fev 2025.

AUTORACING. Rolex será a cronometrista oficial da Formula 1 a partir de 2013. 5 dez. 2012. Disponível em: <https://www.autoracing.com.br/rolex-sera-a-cronometrista-oficial-da-formula-1-a-partir-de-2013/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

AUTOSPORT. GP do Catar de Fórmula 1: 8 de outubro, horários. 2022. Disponível em: <https://www.autosport.pt/formula1/f1/gp-do-Catar-de-formula-1-8-de-outubro-horarios/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BAND. Acordo: patrocínio Fórmula 1 Qatar Airways. Band Esportes, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/esportes/automobilismo/formula-1/noticias/acordo-patrocinio-formula-1-Catar-airways-16584694>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BAND. Fórmula 1 completa 74 anos; conheça a origem da categoria. 14 mai. 2024.

Disponível em:

<https://www.band.uol.com.br/esportes/automobilismo/formula-1/noticias/formula-1-completa-74-anos-conheca-a-origem-da-categoria-16688975>. Acesso em: 19 fev. 2025.

BARTHE, Benjamin. Qatar: les ambitions démesurées d'une micromonarchie. *Le Monde, cahier Géographie & Politique*, 26-27 fev. 2012, p. 4-5. In: CÔME, Thierry; RASPAUD, Michel. *Sports diplomacy: a strategic challenge for Qatar*. Hermès, La Revue, Paris: CNRS Éditions, v. 81, n. 2, 2018.v

BBC NEWS BRASIL. Equipe da BBC é detida no Catar por reportagem sobre condições de trabalho na Copa de 2022. *BBC News Brasil*, 18 maio 2015. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150518_catar_prisao_bbc_rm. Acesso em: 30 mar. 2025.

BBC NEWS BRASIL. Catar: protestos e promessas de melhorias nos direitos humanos. 9 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63557558>. Acesso em: 28 mar. 2025.

BBC SPORT. F1 drivers take a stand on human rights in Qatar. 10 sept. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/form> Acesso em: 30 mar. 2025.

BBC SPORT. F1: Hamilton's historic pole position at Qatar GP after Mercedes dominance. 2021. Disponível em:

https://www.bbc.com/sport/formula1/59286025?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 mar. 2025.

BBC SPORT. F1 drivers take a stand on human rights in Qatar. 10 sept. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/form> Acesso em: 30 mar. 2025.

BBC SPORT. Saudi Arabia: F1 Grand Prix and LIV Golf events highlight country's growing sports influence. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport>. Acesso em: 22 mar. 2025.

BeIN Sports. Qatar Airways becomes key Formula One backer. 22/02/2023. Disponível em: <https://www.beinsports.com/en-mena/motorsports/motorsports-formula-1/articles/Catar-airways-becomes-key-formula-one-backer>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BENSON, Andrew. Qatar F1 race will be held in November along with 10-year deal. BBC Sport, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/formula1/58748178>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BENSON, Andrew. Catar Grand Prix: Shutting off Qatar & Saudi will not help, says Domenicali. BBC Sport, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/formula1/59286025>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BERGKVIST, Lars; SKEISEID, Heidi. Sportswashing: exploiting sports to clean the dirty laundry. **International Journal of Advertising**, p. 1-19, 2024.

BLOOMBERG LINEA. Catar aumenta sua força nos esportes e entra na Fórmula 1 com aporte na Audi. 20 out. 2024. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/negocios/catar-aumenta-sua-forca-nos-esportes-e-entra-na-formula-1-com-aporte-na-audi/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL ESCOLA. Fórmula 1: história, pilotos, equipes e números. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/formula-1.htm>. Acesso em: 19 fev. 2025.

BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. The soft power–soft disempowerment nexus: the case of Catar. **International affairs**, v. 94, n. 5, p. 1139-1157, 2018.

BORRERO, Mauricio. Beyond the unfulfilled promise of Soviet international football, 1945–1991. **Football and the Boundaries of History: Critical Studies in Soccer**, p. 101-118, 2017.

CASTRO, A. S. e. 2014 Fifa World Cup and 2016 Olympic Games: Brazil’s strategy “to win hearts and minds” through sports and football. **PD Magazine**, p. 28-35, 2013.

CASTRO, A. S. e. South Africa’s engagement in sports diplomacy: The successful hosting of the 2010 FIFA World Cup. **The Hague Journal of Diplomacy**, v. 8, n. 3-4, p. 197-210, 2013.

CERASOLI, Juliana. Pole Position: Parceiros antigos, árabes nunca foram tão fortes na F1 e buscam mais GPs. UOL, 03/10/2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/pole-position/2023/10/03/parceiros-antigo>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CNN BRASIL. Em protesto, Hamilton entra na pista do Catar com capacete de arco-íris. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/automobilismo/em-protesto-hamilton-entra-na-pista-do-catar-com-capacete-de-arco-iris/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

CNN BRASIL. Lewis Hamilton diz que não se sente confortável com corrida na Arábia Saudita. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/automobilismo/lewis-hamilton-diz-que-nao-se-sente-confortavel-com-corrída-na-arabia-saudita/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

COLLANTINE, Keith. Sheikh Khalid bin Hamad Al-Thani becomes first Catari to drive F1 car. RaceFans, 10 dez. 2009. Disponível em: <https://www.racefans.net/2009/12/10/first-Catari-drives-for-williams-at-losail-pictures/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CÔME, Thierry; RASPAUD, Michel. Sports diplomacy: A strategic challenge for Qatar. **Hermes, La Revue**, v. 81, n. 2, p. 169-175, 2018.

Doha GOALS Forum. Disponível em: <https://www.sportanddev.org/latest/events/doha-goals-forum#:~:text=The%20Doha%20GOALS%20is%20an>. Acesso em: 4 abr. 2024.

DUNNE, Timothy. Introduction: Diversity and Disciplinarity in International Relations Theory. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve (ed.). *International Relations Theories: Discipline and Diversity*. 6. ed. Oxford: Oxford University Press, 2024. p 129-147.

EL PAÍS. Saudi Arabia to host 2034 FIFA World Cup, sparking fresh criticism over sportswashing. 2024. Disponível em: <https://english.elpais.com>. Acesso em: 22 mar. 2025.

Euronews. Emirados Árabes Unidos apostam no turismo desportivo. Lisboa, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://pt.euronews.com/business/2023/01/06/emirados-arabes-unidos-apostam-no-turismo-de-sportivo>. Acesso em: 18 mar. 2025.

EXPRESSO. F1 na Arábia Saudita: Hamilton critica leis que afetam a comunidade LGBTQ+ e Vettel organizou uma corrida de karting só para mulheres. 3 dez. 2021. Disponível em: <https://tribuna.expresso.pt/formula-1/2021-12-03-F1-na-Arabia-Saudita-Hamilton-critica-leis-que-afetam-a-comunidade-LGBTQ--e-Vettel-organizou-uma-corrida-de-karting-so-para-mulheres-6a97a358>. Acesso em: 29 mar. 2025.

FIA. Formula 1 announces Catar will join the 2021 calendar and signs 10 year deal from 2023. 30/09/2021. Disponível em: <https://www.formula1.com/en/latest/article/breaking-Catar-to-join-f1-calendar-in-2021-as-country-signs-additional-10.50lbiJcZfoo6udNWZMDAn6>. Acesso em: 15 fev. 2024.

FILOMENA, Romulo Gonçalves. Os esportes nas Relações Internacionais: uma análise da prática do sportswashing. 2023.

FINANCIAL TIMES. Catar's strategic use of sport as a diplomatic tool. 2021. Disponível em: <https://www.ft.com/content/5eaec9c-94e5-4a74-8b3b-793c621f0326>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FINNEMORE, Martha; SIKKINK, Kathryn. International norm dynamics and political change. **International organization**, v. 52, n. 4, p. 887-917, 1998.

FORBES. Fórmula 1: as dez equipes mais valiosas em 2023. Forbes Brasil, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/07/formula-1-as-dez-equipes-mais-valiosas-em-2023/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

FORMULA 1. Formula 1 announce Qatar Airways as new Global Airline Partner in multi-year deal. Formula1.com, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.formula1.com/en/latest/article/formula-1-announce-Catar-airways-as-new-global-airline-partner-in-multi-year.8cuAgxf7zA781oUupiTyh>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FORMULA 1. Qatar Investment Authority acquire substantial minority share in future Audi team. 29 nov. 2024. Disponível em: <https://www.formula1.com/en/latest/article/Catar-investment-authority-acquire-substantial-minority-share-in-future-audi.5L8Q5liKiGYQ25XqP8BE7C>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FRUH, Kristen; ARCHER, Alfred; WOJTOWICZ, Justyna. Sportswashing: Complicity and corruption. *Sport, Ethics and Philosophy*, v. 17, n. 1, p. 101–118, 2022. DOI: 10.1080/17511321.2022.2107697.

F1 DESTINATIONS. 120,000 in attendance at 2023 Catar Grand Prix weekend. 2023.

Disponível em:

<https://f1destinations.com/120000-in-attendance-at-2023-Catar-grand-prix-weekend/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

GLOBOESPORTE.COM. F1: fundo do Catar adquire ações da Sauber, que vira Audi em 2026. Disponível em:

<https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2024/11/29/f1-fundo-do-catar-adquire-acoes-da-sauber-que-vira-audi-em-2026.ghtml>. Acesso em: 05 mar. 2025.

GLOBOESPORTE.COM. "Sportswashing": o que a compra do Newcastle ensina sobre essa palavra que ganha cada vez mais espaço no futebol. [S.l.], 15 maio 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/sportswashing-o-que-a-compra-do-newcastle-ensina-sobre-essa-palavra-que-ganha-cada-vez-mais-espaco-no-futebol.ghtml>.

Acesso em: 30 mar. 2025.

GO-GLOBE. Qatar National Vision 2030: Economic Growth & Sports. 13 out. 2023.

Disponível em:

<https://www.go-globe.com/Catar-national-vision-2030-economic-growth-and-sports/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

GOVERNO DO Catar. Sports. Doha: Government Communications Office, [2024].

Disponível em: <https://imo.gov.qa/priorities/sports> Acesso em: 05 mar. 2025.

GRANDE PRÊMIO. Ativistas questionam Fórmula 1 sobre direitos humanos no Oriente Médio. 14 nov. 2021. Disponível em:

<https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/ativistas-questionam-formula-1-direitos-humanos-oriente-medio/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GRANDE PRÊMIO. Catar se diz aberto às críticas e assegura liberdade de expressão dos pilotos da F1. 10 nov. 2021. Disponível em:

<https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/catar-aberto-criticas-assegura-liberdade-expressao-pilotos-f1/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GRANDE PRÊMIO. Chefe da Red Bull: F1 escapismo, apoio a veto da FIA a posicionamento político. 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/chefe-red-bull-f1-escapismo-apoia-veto-fia-posicionamento-politico/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GULF TIMES. Al Mannai applauds F1 Catar GP success as 154,973 spectators throng LIC. 2023. Disponível em: <https://www.gulf-times.com/article/695751/sports/al-mannai-applauds-f1-Catar-gp-success-as-154973-spectators-throng-lic>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GULF TIMES. Minister of Sports and Youth: QF a pillar of national sports development. 15 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gulf-times.com/article/700344/Catar/minister-of-sports-and-youth-qf-a-pillar-of-national-sports-development>. Acesso em: 14 mar. 2025.

HERNANDES, Dalmo. Qual é o patrocinador brasileiro mais marcante do automobilismo? FlatOut, 11 jul. 2017. Disponível em: <https://flatout.com.br/qual-e-o-patrocinador-brasileiro-mais-marcante-do-automobilismo/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

HEYWOOD, Andrew. **Global politics.** Bloomsbury Publishing, 2014.

HOSPITALITY TRENDS. Catar Grand Prix 2023 boosts hospitality and tourism sector. 2023. Disponível em: <https://www.htrends.com/trends-detail-sid-134440.html>. Acesso em: 31 mar. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. A World Cup Shame: FIFA Fails LGBT Rights Test in Qatar. 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/07/07/world-cup-shame-fifa-fails-lgbt-rights-test-Catar>. Acesso em: 5 abr. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. Building a Better World Cup: Protecting Migrant Workers in Qatar Ahead of FIFA 2022. Nova York: Human Rights Watch, 12 jun. 2012. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2012/06/12/building-better-world-cup/protecting-migrant-workers-Catar-ahead-fifa-2022>. Acesso em: 5 abr. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. “Everything I Have to Do is Tied to a Man”: Women and Qatar’s Male Guardianship Rules. Human Rights Watch, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2021/03/29/everything-i-have-do-tied-man/women-and-Qatars-male-guardianship-rules#:~:text=Women%20must%20obtain%20permission%20from,jobs%2C%20and%20obtain%20some%20reproductive>. Acesso em: 5 abr. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. Saudi Arabia: Human rights abuses and sportswashing. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org>. Acesso em: 22 mar. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. Qatar: Security Forces Arrest and Abuse LGBT People. Human Rights Watch, 24 out. 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/10/24/Qatar-security-forces-arrest-abuse-lgbt-people>. Acesso em: 5 abr. 2025.

IDOETA, Paula Adamo. A ambição global do Catar com a Copa do Mundo: 'país colocou a si próprio no mapa'. BBC News Brasil, Londres, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63662704>. Acesso em: 30 mar. 2025.

INTERNATIONAL TRADE UNION CONFEDERATION. (ITUC). The Case Against Qatar. Março 2014. Disponível em: https://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/the_case_against_Qatar_en_web170314.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, César. **Media and the image of the nation during Brazil's 2013 protests.** Switzerland: Springer International Publishing, 2020.

JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, César; DOLEA, Alina. Threats, truths and strategies: The overlooked relationship between protests, nation branding and public diplomacy. **Nations and Nationalism**, v. 30, n. 1, p. 39-55, 2024.

KATZENSTEIN, Peter J. (Ed.). **The culture of national security: Norms and identity in world politics.** Columbia University Press, 1996.

LENSKYJ, Helen Jefferson. **The Olympic Games: a critical approach.** Emerald Publishing Limited, 2020.

LUSAIL CIRCUIT SPORTS CLUB (LCSC). The Amir Attends Closing of Formula 1 Ooredoo Qatar Grand Prix. 21 nov. 2021. Disponível em: <https://lcsc.qa/en/14031/NewsDtls/The-Amir-Attends-Closing-of-Formula-1-Ooredoo-Catar-Grand-Prix>. Acesso em: 14 mar. 2025.

LOSAIL INTERNATIONAL CIRCUIT. 2021 Formula 1 Ooredoo Qatar Grand Prix. Disponível em: <https://www.circuitlosail.com/en/15/Event/2021-FORMULA-1-OOREDOO-Catar-GRAND-PRIX>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. Sports Diplomacy. Disponível em: <https://www.mofa.gov.qa/en/foreign-policy/international-cooperation/sports-diplomacy>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MINISTRY OF SPORTS AND YOUTH (MSY). His Highness Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani at the end of the Formula 1. [s.d.]. Disponível em: <https://www.msy.gov.qa/en/news/his-highness-sheikh-tamim-bin-hamad-al-thani-at-the-end-of-the-formula-1/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MITCHELL-MALM, Scott. Qatar invests in Audi F1: Everything you need to know. The Race, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://www.the-race.com/formula-1/Catar-invests-in-audi-f1-minority-share-everything-you-need-to-know/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MIX VALE. Fórmula 1: Lewis Hamilton e Max Verstappen — domínio e rivalidade marcam as edições do GP do Catar. 27 nov. 2024. Disponível em: <https://www.mixvale.com.br/2024/11/27/formula-1-lewis-hamilton-e-max-verstappen-domini-o-e-rivalidade-marcam-as-edicoes-do-gp-do-catar/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MOSLY, Amnah. Sports Diplomacy in the GCC. 2022.

MOTORSPORT UOL. F1 e FIA são criticadas por ajudarem países do Oriente Médio a usar esporte para encobrir violações. 2021. Disponível em: https://motorsport.uol.com.br/f1/news/f1-e-fia-sao-criticadas-por-ajudarem-paises-do-orientemedio-a-usar-esporte-para-encobrir-violacoes/9048488/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 30 mar. 2025.

MOTORSPORT. F1 can't hide away from social issues in Middle East countries, says Wolff. 2021. Disponível em:
https://www.motorsport.com/f1/news/f1-cant-hide-away-from-social-issues-in-middle-east-countries-says-wolff/10407670/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 mar. 2025.

MULDER, Mike. De camisinha a Bin Laden: veja quais foram os patrocínios mais bizarros da história da F1. Motorsport UOL, 12 fev. 2025. Disponível em:
<https://motorsport.uol.com.br/f1/news/de-camisinha-a-bin-laden-veja-quais-foram-os-patrocinios-mais-bizarros-da-historia-da-f1/10695352/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MURRAY, Stuart. The two halves of sports-diplomacy. **Diplomacy & statecraft**, v. 23, n. 3, p. 576-592, 2012.

MURRAY, Stuart. Sports diplomacy: Origins, theory and practice. Routledge, 2018.

MURRAY, Stuart; PIGMAN, Geoffrey Allen. Mapping the relationship between international sport and diplomacy. **Sport in society**, v. 17, n. 9, p. 1098-1118, 2014.

NOBLE, Jonathan; STRAW, Edd. Catar wants Formula 1 grand prix on Lusail street circuit by 2016. Autosport, 12 jan. 2015. Disponível em:
<https://www.autosport.com/f1/news/Catar-wants-formula-1-grand-prix-on-lusail-street-circuit-by-2016-5325346/5325346/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

NSC Total. Prova noturna abre temporada da MotoGP. 7 mar. 2008. Disponível em:
<https://www.nsctotal.com.br/noticias/prova-noturna-abre-temporada-da-motogp>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ONUF, Nicholas. **World of our making: Rules and rule in social theory and international relations**. Routledge, 2012.

OOREDOO. Primeira corrida de Fórmula 1 do Catar será oficialmente chamada de Formula 1 Ooredoo Catar Grand Prix. 30 set. 2021. Disponível em:
https://www.ooredoo.com/en/media/news_view/Catars-first-ever-formula-1-race-to-be-officially-named-formula-1-ooredoo-Catar-grand-prix/. Acesso em: 12 mar. 2025.

O TEMPO. Hamilton critica Catar por violações de direitos humanos antes de F1 no país. 18 nov. 2021. Disponível em:
<https://www.otempo.com.br/sports/f1/hamilton-critica-Catar-por-violacoes-de-direitos-humanos-antes-de-f1-no-pais-1.2572159>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ÖZSARI, Arif et al. Sport diplomacy as public diplomacy element. **International Journal of Sport Culture and Science**, v. 6, n. 3, p. 339-349, 2018.

PEREIRA, Francisco Miguel dos Reis et al. **Sports Diplomacy e a Prática de Sportswashing: Estudo de Caso da Arábia Saudita (2016-2022)**. Dissertação de Mestrado. 2023.

PINTO, Vânia Carvalho. Métodos de pesquisa em Relações Internacionais. **São Paulo: Contexto**, 2023.

Qatar GENERAL SECRETARIAT FOR DEVELOPMENT PLANNING. Qatar National Development Strategy 2011-2016: Towards Qatar National Vision 2030. Doha, 2011. Disponível em:
https://www.npc.qa/en/planning/Documents/nds1/NDS_ENGLISH_SUMMARY.pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

QATAR INVESTMENT AUTHORITY. About Us. Disponível em:
<https://www.qia.qa/About/AboutUs.aspx>. Acesso em: 05 mar. 2025.

QATAR INVESTMENT AUTHORITY. Leadership. Disponível em:
<https://www.qia.qa/en/About/Pages/leadership.aspx>. Acesso em: 11 mar. 2025.

QATAR OLYMPIC COMMITTEE. Sports Sector Strategy 2011-2016. Doha, 2011. Disponível em:
http://blogs.napier.ac.uk/Catar2022/wp-content/uploads/sites/29/2015/06/sports_sector_strategy_final-English.pdf. Acesso em: 05 mar. 2025.

QATAR NATIONAL PLANNING COUNCIL. Qatar Second National Development Strategy 2018-2022. Doha, 2018. Disponível em: <https://www.npc.qa/en/planning/Documents/nds2/NDS2Final.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2025.

QATAR NATIONAL VISION 2030. 2008. Disponível em: https://www.psa.gov.qa/en/qnv1/Documents/QNV2030_English_v2.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

QATAR SPORTS INVESTMENTS. About Us. Disponível em: <https://www.qsi.com.qa/about-us/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

REDEKER, Robert. Sport as an opiate of international relations: The myth and illusion of sport as a tool of foreign diplomacy. **Sport in Society**, v. 11, n. 4, p. 494-500, 2008.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. Catar. 2021. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/pais/catar.com>. Acesso em: 30 mar. 2025.

REUTERS INSTITUTE. Strict media laws and no public data sources: what it's like to be a journalist in Qatar. 2021. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/news/strict-media-laws-no-public-data-sources-risk-what-it-s-be-journalist-Catar>. Acesso em: 30 mar. 2025.

REUTERS. Padel: QSI compra World Padel Tour para formar o Premier Padel unificado. Reuters, 24 ago. 2023. Disponível em: https://www.reuters.com/sports/padel-qsi-buys-world-padel-tour-form-unified-premier-padel-tour-2023-08-24/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 11 mar. 2025.

RICHARDS, Giles. F1 faces legal challenge over Bahrain contract and sportswashing. 17 out. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2022/oct/27/f1-faces-legal-challenge-over-over-bahrain-contract-and-sportswashing>.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences.** Sage, 2008.

ROLEX. A Rolex e o automobilismo – Formula 1®. Disponível em: <https://www.rolex.com/pt-br/rolex-and-sports/motor-sport/formula-one>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SCHIAVINATTO, Diogo; VERVLOET, Breno Liebbmann. Neymar, Cristiano Ronaldo e o sportswashing. **Revista Pet Economia UFES**, v. 3, n. 3, p. 41-44, 2023.

SILVA, Fernando. Flerte de empresa do Catar põe F1 de novo no radar de países dotados de políticas questionáveis ao longo da história. Grande Prêmio, 24 jun. 2015. Disponível em: <https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/flerte-de-empresa-do-catar-poe-f1-de-novo-no-radar-de-paises-dotados-de-politicas-questionaveis-ao-longo-da-historia/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

SMITH, Luke. F1 can't hide away from social issues in Middle East countries, says Wolff. Motorsport.com, 4 dez. 2022. Disponível em: <https://www.motorsport.com/f1/news/f1-cant-hide-away-from-social-issues-in-middle-east-countries-says-wolff/10407670/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SOUZA, Elna. Embaixada do Catar celebra Dia do Esporte. Diplomacia Business, 12 dez. 2024. Disponível em: <https://www.diplomaciabusiness.com/embaixada-do-catar-celebra-dia-do-esporte/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

SØYLAND, Håvard Stamnes. **Qatar's sports strategy: a case of sports diplomacy or sportswashing?**. 2020. Dissertação de Mestrado. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

STEINBERG, Guido. **Qatar's foreign policy: Decision-making processes, baselines, and strategies.** SWP Research Paper, 2023.

TERRA. Fórmula 1 se aproxima de corrida no Catar para substituir GP da Austrália em 2021. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/formula1/formula-1-se-aproxima-de-corrida-no-catar-para-substituir-gp-da-australia-em-2021%252Cff557d4b98a03a3a77e88db574f24f6dtsvqgk75.html>. Acesso em: 26 mar. 2025.

THE GUARDIAN. Formula One faces charge of aiding 'sportswashing' by racing in Bahrain. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2020/nov/25/formula-one-faces-charge-of-aiding-sportswashing-by-racing-in-bahrain>. Acesso em: 18 mar. 2025.

THE GUARDIAN. Lewis Hamilton criticises Qatar's human rights record before GP. 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2021/nov/18/lewis-hamilton-criticises-Catar-human-rights#:~:text=Hamilton%20has%20repeatedly%20spoken%20out,this%20part%20of%20the%20world..> Acesso em: 30 mar. 2025.

THE GUARDIAN. Saudi Arabia's purchase of Newcastle United sparks criticism over human rights violations. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com>. Acesso em: 10 abr. 2025.

THE GUARDIAN. F1 faces legal challenge over Bahrain contract and sportswashing. The Guardian, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2022/oct/27/f1-faces-legal-challenge-over-over-bahrain-contract-and-sportswashing>. Acesso em: 30 mar. 2025.

THE PENINSULA Catar. Mowasalat transported 51,725 spectators during Formula 1. 10 out. 2023. Disponível em: <https://thepeninsulaCatar.com/article/10/10/2023/mowasalat-transported-51725-spectators-during-formula-1>. Acesso em: 26 mar. 2025.

THE PENINSULA Catar. National Sport Day represents significant occasion to highlight Catar's efforts to enhance quality of life, advance humanity: Sheikh Hamad. 11 fev. 2025. Disponível em: <https://thepeninsulaCatar.com/article/11/02/2025/national-sport-day-represents-significant-occasion-to-highlight-Catars-efforts-to-enhance-quality-of-life-advance-humanity-sheikh-hamad>. Acesso em: 28 mar. 2025.

THE PENINSULA Catar. Over 80,000 fans celebrate as Catar delivers riveting F1 race weekend. 23 nov. 2021. Disponível em: <https://thepeninsulaCatar.com/article/23/11/2021/over-80000-fans-celebrate-as-Catar-delivers-riveting-f1-race-weekend>. Acesso em: 26 mar. 2025.

THE PENINSULA Qatar. Qatar Airways Qatar Grand Prix takes flight with F1-themed onboard offerings. The Peninsula Catar, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://thepeninsulaCatar.com/article/28/11/2024/Catar-airways-Catar-grand-prix-takes-flight-with-f1-themed-onboard-offerings>. Acesso em: 30 mar. 2025.

UOL. Fundo do Catar investe na equipe Sauber, que terá o brasileiro Gabriel Bortoleto em 2025. 29 nov. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/agencia/2024/11/29/fundo-do-catar-in-veste-na-equipe-sauber-que-tera-o-brasileiro-gabriel-bortoleto-em-2025.htm>. Acesso em: 20 mar. 2025.

UOL. Hamilton critica Catar sobre direitos humanos antes de 1º GP no país. 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/11/18/hamilton-critica-Catar-sobre-direitos-humanos-antes-de-1-gp-no-pais.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

UOL Esporte. Manchester City, o sucesso de um modelo polêmico. São Paulo, 10 jun. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/afp/2023/06/10/manchester-city-o-sucesso-de-um-modelo-polemico.htm>. Acesso em: 18 mar. 2025.

VALENTE, Luiz. Marcas na pista: a influência do marketing nos carros de corrida. Diário Motorsport, 2019. Disponível em: <https://www.diariomotorsport.com.br/marcas-na-pista-a-influencia-do-marketing-nos-carros-de-corrida/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

VIOTTI, Paul R.; KAUPPI, Mark V. Teorias de Relações Internacionais: poder, instituições e ideias. 5. ed. **São Paulo: Cengage Learning**, 2013.

WENDT, Alexander. Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics. **International organization**, v. 46, n. 2, p. 391-425, 1992.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge university press, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

ZAFAR, Hesham; MEDIEN, Ahmed. How the power of sport can bring us together and drive social justice. World Economic Forum, jan. 2021. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2021/01/uniting-the-world-through-sport-what-can-we-learn-from-sport-in-enabling-social-cohesion>. Acesso em: 10 abr. 2025.